PLACAR

SCORE Editora
ED. 1502 AGOSTO 2023 R$ 15,00
DE R$ 25,00 POR: R$ 15,00 POR TEMPO LIMITADO

A INTERMINÁVEL CARREIRA DO GOLEIRO FÁBIO

O segredo da longevidade do paredão do Fluminense

DORIVAL JÚNIOR

O que falta para o comandante gente boa do São Paulo ser tratado como um técnico de elite?

LIONEL MESSI NOS ESTADOS UNIDOS E CRISTIANO RONALDO NA ARÁBIA SAUDITA CHAMAM A ATENÇÃO PARA OS NOVOS MERCADOS QUE INCOMODAM A ELITE EUROPEIA. ADEUS À ANTIGA GEOPOLÍTICA DA BOLA

ESPECIAL

HERÓI OU VILÃO? OS BENEFÍCIOS E RISCOS DOS GRAMADOS ARTIFICIAIS DO BRASILEIRÃO

A NOVA ORDEM MUNDIAL

PROFETIZE NA BET

DAS BRABAS

Acesse: www.betnacional.com

O NOME DO JOGO É VARIEDADE

"Para o Brasil, o futebol é mais que um esporte, menos do que uma guerra – um meio-termo colorido, explosivo, sensacional. Resolvemos que uma das publicações de nosso plano editorial deveria ser, mais cedo ou mais tarde, uma revista esportiva – tão explosiva e tão sensacional como este nosso povo que vai aos estádios fazer uma das mais belas festas do mundo." Foi dessa maneira, um tantinho pomposa e emocionada, que, em 20 de março de 1970, esta Carta ao Leitor de PLACAR apresentava o histórico número 1. Estamos na edição 1502. Daria para usar, hoje, as mesmas palavras daquele tempo inaugural. Nada mudou – ou quase.

O futebol é colorido, é explosivo e sensacional. Não é uma guerra, mas, com perdão pelo exagero, seria o caso de usar metáforas bélicas para explicar como se faz, no século XXI, o noticiário esportivo: é preciso atacar em todas as frentes, com todas as armas e com a precisão dos drones. O surgimento da internet e a força magnética das redes sociais – ali onde PLACAR brilha cada vez mais, nas 24 horas de todos os dias – obrigam a fazer tudo ao mesmo tempo, agora. O nome do jogo é variedade. Não dá para ficar parado – ou, como já alertou o filósofo da bola Gentil Cardoso, "quem pede tem preferência, quem se desloca recebe". Na trilha desse infalível mantra, PLACAR, do alto da sabedoria de seus mais de cinquenta anos de existência, com corpinho de vinte, ressalve-se, tem o cuidado de estar sempre se deslocando.

A revista que você tem em mãos, e que muito provavelmente lê com olhar simultâneo para o smartphone, ligado na PLACAR TV do YouTube, é a comprovação do esforço pela riqueza de assuntos. A capa da vez, assinada pelos repórteres Leandro Miranda, Enrico Benevenutti e Estevan Ciccone, é um passeio rigoroso por um dos mais fascinantes movimentos do futebol na atualidade – a revolução geopo-

Conversas de primeira: Klaus Richmond e Maria Fernanda Lemos entrevistam o goleirão Fábio, do Fluminense; Klaus e Leandro Miranda estiveram com Dorival Júnior, o treinador do São Paulo em busca de um lugar no topo

CAPA: BEST PHOTO AGENCY (MESSI) GETTY IMAGES (CRISTIANO RONALDO)

lítica movida a petrodólares e dólares. Sinal disso é a migração de grandes craques, no auge ou no fim de carreira, para países como a Arábia Saudita e os Estados Unidos, a exemplo do que fizeram Cristiano Ronaldo e Messi (bem, de Messi, aos 35 anos, não dá para dizer que esteja em fim de carreira... e o golaço inaugural pela camisa rosa do Inter Miami é carimbo indelével de sua permanência).

Uma outra magnífica reportagem vai soterrar todas as ideias preconcebidas sobre as diferenças entre os gramados artificiais e os naturais, com apuração minuciosa da repórter Maria Fernanda Lemos e do editor Luiz Felipe Castro. Você vai descobrir que nem sempre a grama do vizinho é mais bonita.

E tem mais, porque a bola não para de girar: Dorival Júnior, o treinador do São Paulo em busca de um lugar no Olimpo, só disse verdades e revelações de quem sabe o que faz a Leandro – olha ele aí de novo – e ao repórter Klaus Richmond. É de Klaus, em parceria com Maria Fernanda (olha ela aí), a conversa com o goleirão Fábio, do Fluminense, de carreira interminável – como intermináveis são os temas de PLACAR.

Vale o que foi impresso em 1970, reafirme-se à exaustão: o futebol é mais que um esporte, colorido, explosivo e sensacional, como revelam os extraordinários recordes de público e as alegrias da Copa do Mundo de futebol feminino, na Austrália e Nova Zelândia. E quem não se emocionou com o sorriso ingênuo e puro da atacante Ary Borges com os três gols marcados na estreia, contra o Panamá, como se não importasse o que viria depois? É esse misto de simplicidade com eficiência que PLACAR usa como modelo. Venha conosco, e até setembro, com o clássico e incomparável Guia dos Europeus.

ÍNDICE

revistaplacar
@placartv
@placar
placar.com.br
contato@placar.com.br

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Time do Santo André no gramado sintético do Bruno José Daniel: PLACAR testou o tapetinho no ABC Paulista

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

Equipe Score:
CEO: Gustavo Leme
Editor: Luiz Felipe Castro
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: Klaus Richmond e Leandro Miranda
Diretor Comercial: Sandro Santos
Planejamento: Marcos Ramos
Mídias sociais: Bruna Serra Franco, Bruno de Giovanni e Gabriel Rodrigues
Estagiário: Fábio Kimura
Revisão: Renato Bacci

Equipe Abril:
Redator-chefe: Fábio Altman
Maria Fernanda Lemos (estagiária)
Kaio Figueredo (pesquisa de fotos)

Colaboraram com esta edição:
Gabriel Grossi (edição de texto), Enrico Benevenutti, Estevan Ciccone e Guilherme Azevedo (textos)

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar - Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

PLACAR 1 502 (789.3614.11276-3), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

UMA SOLUÇÃO E VÁRIOS PROBLEMAS

Foram exatos 207 dias de vacância, desde a saída de Tite, até que em 4 de julho a CBF anunciou Fernando Diniz como treinador da seleção brasileira. Problema resolvido, aparentemente – só que não. O atual comandante do Fluminense não deixará o time das Laranjeiras, com um pé no tricolor e outro na canarinho, simultaneamente – Vanderlei Luxemburgo, ressalve-se, não abandonou o Corinthians ao assumir o escrete em 1998 (leia na pág. 44). Diniz só trabalhará pelo selecionado nas datas Fifa, ocasiões nas quais os clubes são obrigados a ceder seus atletas para jogos oficiais da entidade. E se ele chamar muitos jogadores do Flu, como reagirá a torcida? E se chamar poucos, ou nenhum, deixando de enfraquecer a equipe carioca, o que dirão os adversários? As contradições são muitas e complicadas. O contrato foi assinado por um ano, até a suposta chegada de Carlo Ancelotti. E lá vem mais problema: se o trabalho for muito bom, fará sentido afastá-lo ou mesmo tê-lo como assistente do italiano?

GETTY IMAGES

A CELEBRAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO

O começo da Copa do Mundo de Futebol Feminino foi a um só tempo preocupante e entusiasmante do ponto de vista da grande festa organizada. Horas antes da partida inaugural, entre neozelandesas e norueguesas, um tiroteio em Auckland, a 200 metros do hotel onde se hospedava a Noruega, provocou o ferimento de seis pessoas. Houve susto e medo, receio de que a segurança do campeonato pudesse ser posta em dúvida. À noite, contudo, mais de 42 000 pessoas lotaram o Eden Park para, em casa, celebrar a vitória da Nova Zelândia por 1 a 0, no primeiro passeio da zebra pelas plagas de lá. Era a celebração de um caminho que vem sendo trilhado com coragem e inteligência, mas ainda exige muita, mas muita estrada – a instalação do futebol de mulheres em patamar equivalente ao dos homens, com investimentos, salários e prêmios de mesma monta. A sociedade exige essa postura.

EFE/EPA/DAN HIMBRECHTS

NADA

MESSI FOI DESFILAR NOS ESTADOS UNIDOS. CRISTIANO RONALDO, BENZEMA E OUTROS CRAQUES FORAM SEDUZIDOS PELO DINHEIRO DA ARÁBIA SAUDITA. SÃO MOVIMENTOS QUE JÁ INCOMODAM A ELITE EUROPEIA E PODEM CHACOALHAR PARA SEMPRE A ESTRUTURA GEOPOLÍTICA DA BOLA

Por: Leandro Miranda, Enrico Benevenutti e Estevan Ciccone
Design: LE Ratto

GETTYIMAGES

SERÁ

COMO

Messi e Cristiano em seus exóticos uniformes: rivais na Espanha, craques desta geração foram encerrar a carreira em lados opostos do globo

GETTY IMAGES

ANTES

Inicialmente, soou como bravata, mera fanfarronice, a frase de Cristiano Ronaldo, para quem "a liga saudita está melhorando e, passo a passo, se tornará uma das cinco maiores do planeta". Apesar do êxito do vizinho Catar na organização da Copa do Mundo de 2022, e do espetáculo proporcionado por todos os povos árabes durante o torneio, o futebol do Oriente Médio parecia caminhar na periferia da bola. Veio então a janela de transferências do início de 2023, repleta de ofertas astronômicas, e subitamente o discurso do astro português do Al-Nassr começou a ganhar credibilidade. Os ventos mudaram, e os petrodólares já ameaçam fazer da Arábia Saudita um sério concorrente da elite da Europa. Do outro lado do globo, Lionel Messi, ainda fresco da glória do título mundial pela Argentina, resolveu se mudar para os Estados Unidos e desfilar sua genialidade com o uniforme rosa do Inter Miami, de Fort Lauderdale, na Flórida, franquia da Major League Soccer, a principal liga americana. Uma nova ordem começa a se estabelecer – e a preocupar as equipes da Europa, tão acostumadas a explorar o talento sul-americano, mas que hoje veem alguns de seus principais nomes seduzidos pelo dinheiro dos príncipes e xeques.

Anunciado de forma estridente pelo Al-Nassr no fim do ano passado, Cristiano abriu uma porta e acelerou um processo que já era iminente. O gajo firmou contrato até 2025, com salário na casa do equivalente a 1 bilhão de reais por ano, incluindo acordos de publicidade. O "efeito CR7" foi imediato: o time amarelo e azul da capital, Riad, tinha apenas 800 000 seguidores no Instagram antes da chegada

EFEITO CR7

ASTRO PORTUGUÊS JÁ REVOLUCIONOU O FUTEBOL SAUDITA

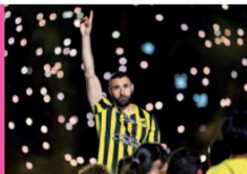
EFE

15,8 MILHÕES

Acrobata e midiático: após a chegada de Cristiano Ronaldo, o Al-Nassr aumentou em quase 20 vezes seu número de seguidores nas redes sociais

800 MIL

FENÔMENO DE MERCADO: AS PRINCIPAIS CONTRATAÇÕES DA LIGA SAUDITA

Pela primeira vez, grandes estrelas trocam a Europa pela Arábia Saudita e se aventuram no novo oásis do futebol

BENZEMA

AL-ITTIHAD

O atual Bola de Ouro encerrou seu ciclo no Real Madrid e abraçou um salário equivalente a 1 bilhão de reais por ano

FIRMINO

AL-AHLI

Após oito anos de idolatria no Liverpool, o atacante brasileiro não renovou com a equipe inglesa e fechou por três anos nas Arábias

KANTÉ

AL-ITTIHAD

Campeão do mundo em 2018, o francês foi seduzido a deixar o Chelsea por um salário próximo de 500 milhões de reais por ano

MAHREZ

AL-AHLI

Atual campeão da Champions League pelo Manchester City, o argelino preteriu o badalado futebol da Premier League

HENDERSON

AL-ETTIFAQ

O ídolo do Liverpool deixou a equipe após mais de uma década para se juntar ao compatriota Steven Gerrard, técnico do 'modesto' time

FOTOS DIVULGAÇÃO

do português; hoje, já soma 15,8 milhões. O novo astro e capitão do time ainda garantiu um acordo do clube com a fornecedora Nike e vendeu mais de 2,5 milhões de camisas, além de acordos de transmissão do campeonato local para mais de 36 países.

No vácuo de CR7, cada vez mais jogadores consagrados na casa dos 30 anos – perto da aposentadoria, ressalve-se – rumam para o oásis que parece ser o futebol no deserto. Vencedor da última Bola de Ouro como melhor jogador do mundo, o francês Karim Benzema, de 35 anos, deixou o Real Madrid para integrar o elenco do Al-Ittihad. Outros nomes badalados do futebol europeu traçam caminho semelhante: Roberto Firmino, Kanté, Mendy, Mahrez, Koulibaly, Henderson, Malcom... A lista, já bastante respeitável, deve crescer ainda mais nesta janela e poderia ter sido ainda mais estelar. Lionel Messi recusou o Al-Hilal, rival do Al-Nassr e clube mais popular do país, para dar as mãos ao Tio Sam. O craque argentino, porém, segue como embaixador do turismo da Arábia Saudita – cargo que exerce desde o ano passado, quando o Catar pagava seus salários, via PSG.

Apesar dos valores inflacionados das taxas de transferência e, principalmente, dos salários, a investida árabe sobre as estrelas europeias não é feita de maneira descontrolada. Pelo contrário: estratégia é a norma que dita as ações de um país de olho no topo. O PIF, fundo de investimentos saudita controlado pelo governo e que anunciou há dois anos a compra do Newcastle, tradicional equipe inglesa, hoje detém 75% de participação dos quatro maiores clubes do país: Al-Hilal, Al-Ittihad, Al-Nassr e Al-Ahli. O futebol é política de estado na Arábia Saudita. Com cerca de 5 bilhões de reais liberados para contratações, há até um direcionamento de bastidores para "equilibrar" as estrelas recém-chegadas entre as equipes, elevando o nível da liga como um todo em vez de montar um único supertime, um pouco na linha de equilíbrio bem-sucedida imaginada pela NBA, a liga de basquete americano. A meta é triplicar as receitas do campeonato, passando dos 120 milhões de dólares atuais para algo próximo da casa dos 500 milhões de dólares.

Sob o planejamento central do governo saudita, as transformações extrapolam as quatro linhas, tornando o futebol apenas um meio complementar para a realização do ambicioso projeto Saudi Vision 2030. Trata-se de um modelo de mecenato e estatização comandado pelo príncipe herdeiro Mohammad bin Salman, o MBS, que na prática é quem realmente manda em tudo. "Existe a percepção de que são investimentos desregrados, mas tudo é muito estratégico", diz Manoel Flores, ex-diretor de competições da CBF e atual consultor do Ministério do Esporte saudita. "É um país com muita responsabilidade com o próprio dinheiro. Tudo tem um porquê, um motivo e uma razão a médio e longo prazo."

O objetivo do plano é diversificar a economia nacional, reduzindo a dependência em relação ao petróleo, e transformar a percepção externa sobre a teocrática Arábia Saudita. Em 2018, a monarquia do país – mais especificamente, o próprio príncipe MBS – foi acusada de ordenar o sequestro e morte do jornalista saudita Jamal Khashoggi, na Turquia. O episódio reacendeu a discussão sobre como o reino lida com questões de direitos humanos, como a liberdade de expressão, a discriminação à comunidade LGBTQIAPN+ – a homossexualidade, por exemplo, é considerada crime, passível até de pena de morte – e o tratamento misógino às mulheres, que nos últimos anos tiveram pequenas conquistas como o direito de dirigir, ir à escola ou viajar sem a permissão de um "tutor" homem. Nesse aspecto, a aposta no futebol passou a ser vista como uma estratégia de *sportswashing*. O termo em inglês define o uso do esporte como ferramenta de marketing para "lavar" a imagem pública de um indivíduo ou grupo envolvido em controvérsias.

Longe das regulações financeiras do futebol europeu – que já mostraram por vezes não serem tão rígidas assim –, a liga saudita opera baseada nas regras de licenciamento e administração da Confederação Asiática, que são ainda mais flexíveis. "Os dirigentes dizem que essa é uma estraté-

Messimania: o argentino ao lado dos donos do Inter Miami, José Mas e David Beckham; na estreia, o camisa 10 marcou, nos acréscimos, um golaço de falta para garantir o triunfo sobre o Cruz Azul

"A LIGA SAUDITA É MELHOR QUE A MLS. EU ABRI O CAMINHO, E AGORA TODOS OS JOGADORES ESTÃO VINDO PARA CÁ"
Cristiano Ronaldo

EFE

EFE

EFE

ANTONIO AUGUSTO FONTES

gia de longo prazo, com o objetivo de tornar a Saudi Pro League uma das dez principais ligas de futebol do mundo", diz o jornalista local Ahmed Al Omran. "É uma meta ambiciosa, mas também faz parte de um plano maior. O esporte é visto como um setor de potencial crescimento e geração de empregos."

Exageros à parte (ou não?), fato é que o novo protagonismo saudita já incomoda os europeus, acostumados a serem invariavelmente o porto de chegada dos craques. Na Inglaterra, país que ostenta hoje o campeonato mais rico e assistido do planeta, jogadores aposentados como Gary Neville e Jamie Carragher já foram a público pedir que as autoridades do esporte encontrem uma maneira de frear o êxodo de talentos para a Arábia. Tal reivindicação soa hipócrita ou, no mínimo, eurocêntrica, quando comparada à vista grossa em relação aos petrodólares injetados na Premier League. O Newcastle, por exemplo, garantiu seu retorno à Liga dos Campeões após 20 anos, impulsionado pelas contratações feitas com dinheiro saudita. E o que dizer do bicho-papão Manchester City, que enfileirou taças, até mesmo a tão desejada Liga dos Campeões, para delírio dos magnatas dos Emirados Árabes Unidos?

AHDAAF AGENCY

Pelé pelo New York Cosmos e Rivellino no Al-Hilal: primeira onda periférica

Por enquanto, reafirme-se, a agressividade dos sauditas no mercado se limitou a seduzir jogadores de elite já na fase final da carreira ou atletas um pouco distantes do cume ocupado pelos grandes craques. O sonho era fisgar também o eterno rival de Cristiano Ronaldo, Lionel Messi, recriando

Sauditas da Premier: aporte árabe fez os torcedores do Newcastle voltarem a sorrir

"A MLS É UMA LIGA BASEADA NO CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL, PASSO A PASSO. NINGUÉM QUER PASSAR PELOS PROBLEMAS DE 30 ANOS ATRÁS, COM TIMES FECHANDO AS PORTAS"
Ricardo Moreira, diretor do Orlando City

no Oriente Médio o duelo que, por mais de uma década, atraiu todos os holofotes do futebol europeu. Mas o argentino tinha seus próprios planos.

A ida de La Pulga para o futebol dos Estados Unidos também frustrou um time europeu em particular – o Barcelona, que tentou até o limite criar espaço financeiro para ter de volta o maior jogador de sua história. Mas a traumática saída de Messi em 2021, quando o time catalão se mostrou incapaz de continuar pagando seus salários, deixou marcas. O camisa 10 preferiu não pagar para ver novamente e assinou com o Inter Miami, cujo coproprietário é o ex-jogador inglês David Beckham.

A pergunta, portanto, é a seguinte: Messi nos Estados Unidos é um caso isolado de um clube fazendo extravagâncias, ou mais um movimento sísmico no mercado, com potencial para deslocar o centro do jogo? Nem tanto ao céu, nem tanto à terra. A MLS não vai adotar o modelo saudita de megacontratações centralmente planejadas, que causem impacto imediato, o que faz do Inter Miami uma exceção ao trazer uma estrela da magnitude de Messi – e, em escala bem menor, seus ex-companheiros de Barça, o volante Busquets e o lateral Jordi Alba. Ainda assim, os impactos da chegada do gênio já são sentidos por todo o ecossistema do soccer.

Diferentemente de outros campeonatos mundo afora, a MLS funciona como uma empresa, em que os donos dos times participantes não são apenas competidores, mas também sócios (é por isso que não existe rebaixamento). Legalmente, os clubes são propriedades da liga; os donos dos times apenas recebem autorização da MLS para geri-los. Isso significa que as receitas geradas pelos clubes – venham elas de direitos de transmissão, bilheteria, venda de jogadores ou patrocínios – também pertencem à liga, e não às equipes individualmente. A maior parte dos dólares, claro, volta para o time, mas uma parcela é redistribuída para todas as outras franquias, estimulando a competitividade. Ou seja: quando Messi faz o faturamento do Inter Miami disparar, todo mundo ganha.

"A MLS é uma liga baseada no crescimento sustentável, passo a passo", diz o brasileiro Ricardo Moreira, diretor de futebol do Orlando City. "Ninguém quer passar pelos problemas de 30 anos atrás, com times fechando as portas. O objetivo é ser uma das maiores ligas do mundo no longo prazo, crescer devagar. Não vai ter esse movimento (como o dos sauditas), até porque precisaríamos mudar todas as regras de contratação." Vale lembrar que a liga americana hoje tem um complexo sistema de teto salarial, o Salary Cap, e que apenas três atletas por time – os chamados jogadores designados – podem ganhar acima desse limite.

Fundada em 1996, a MLS sofreu com pesados prejuízos durante seus primeiros anos de existência. Até hoje, a maioria dos times opera no vermelho e precisa que seus donos coloquem dinheiro de outras fontes para fechar as contas. Esse é um dos grandes motivos pelos quais a chegada de Messi é vista por lá como um terceiro divisor de águas. A expectativa é que o campeonato dê um salto midiático e financeiro muito maior do que o que aconteceu com a contratação do próprio Beckham pelo Los Angeles Galaxy em 2007, até então a mais emblemática desde a chegada de Pelé. O Rei do Futebol trocou o Santos pelo New York Cosmos em 1974 e liderou a primeira onda de interesse pelo futebol nas bandas de lá.

Os impactos comerciais de ter Lionel Messi no campeonato já são monumentais. O Inter Miami vendeu toda a sua carga de ingressos para a temporada apenas dias depois de confirmar a contratação, a preços

mais de cinco vezes maiores que o habitual – o tíquete médio saltou de 150 para 850 dólares. Após relatos de bilhetes sendo comercializados na internet por valores que alcançavam até 20 mil euros, vários clubes chegaram a restringir a venda de ingressos de jogos contra o Inter Miami para o código postal local, a fim de evitar que pessoas de outros países comprassem as entradas com o único fim de revendê-las depois. O futebol, que tradicionalmente tem menos espaço na cobertura diária esportiva dos EUA, atrás do futebol americano, do basquete e do beisebol, dominou as manchetes por semanas. A Apple TV, que fechou um acordo de 13 bilhões de reais pelos direitos de transmissão da MLS pelos próximos dez anos, aproveitou a onda para fazer explodir o número de assinaturas. Executivos da liga veem no horizonte mais acordos comerciais lucrativos, e confidenciam que já é possível dizer que há um "antes e depois de Messi".

Na arquibancada, o clima também mudou completamente. Miami tem uma comunidade argentina grande, com cerca de 100 000 imigrantes, que estão – naturalmente – completamente apaixonados pela chance de ter o ídolo tão perto. Na estreia de Messi, em que ele garantiu uma vitória sobre o mexicano Cruz Azul com um golaço de falta no último minuto, celebridades como o astro da NBA LeBron James e a ex-tenista Serena Williams marcaram presença. Com a expectativa de que o craque continue arrastando multidões por todo o país, o próprio Inter Miami já percebeu que terá que adaptar sua rotina e sua estrutura: houve pequenos problemas na apresentação oficial do astro, por exemplo, com dificuldades de acesso para a torcida e condições limitadas de trabalho para a imprensa no pequeno estádio Lockhart, na cidade vizinha de Fort Lauderdale, que comporta 18 000 pessoas.

Dentro de campo, o salto de qualidade também ficou evidente. Apesar da evolução visível dos últimos anos, o jogo na MLS ainda é em um ritmo mais lento e com mais espaços em campo quando comparado ao das principais ligas europeias – um prato cheio para Messi, que, mesmo aos 36 anos, ainda é um craque sem comparação. O mesmo acontece com Cristiano Ronaldo na Arábia Saudita: ele pode ter perdido a vaga de titular no Manchester United e na seleção portuguesa no ano passado, mas, aos 38 anos, teve uma média de praticamente um gol por jogo em 2023: foram 14 bolas na rede em 16 partidas pela liga, em que o Al-Nassr ficou só com o vice. O campeão foi o Al-Ittihad, que tem como ídolo e maior artilheiro da história o atacante ex-corintiano Ro-

Romarinho é o maior artilheiro da história do Al-Ittihad: agora o brasileiro formará dupla com Benzema

GETTY IMAGES

GETTY IMAGES

Artilharia pesada: Rodrigão (de azul), em ação pelo Al-Hilal em 2007

UM CONTO DAS ARÁBIAS

por: Rodrigão, ex-atacante do Al-Hilal

"Quando eu cheguei no Al-Hilal, o acordo era que eu recebesse metade do contrato como luvas, na mão, e o restante diluído nos meses seguintes. Passou um mês e meio e nada. Falei com o Toninho Cerezo (técnico da equipe) para ficar de fora dos treinos da manhã, porque a gente treinava em dois períodos. A ideia era ver se eles se movimentavam para me pagar, e o Toninho concordou. Um dos companheiros brasileiros chegou para mim e falou para eu voltar a treinar: 'Vão mandar te matar e ninguém vai ficar sabendo'. Me assustei, mas treinei no período da tarde, como já tinha planejado mesmo. Depois disso o intérprete me avisou que o príncipe queria falar comigo. Cheguei na sala de reunião, eu e o intérprete de um lado, e o príncipe com um guepardo sem coleira na outra ponta. Olhei umas duas vezes para o guepardo e ele levantava os pelos. Tive que ir até a frente do príncipe, me ajoelhar e beijar sua mão. Acabei sendo multado em 20%, mas depois eu fiquei amigo do príncipe e nem descontaram do meu salário. Lá, quem dita as regras e leis são eles."

marinho, que vem atuando no clube aurinegro há seis temporadas. A partir de agora, ele terá as companhias luxuosas dos franceses Benzema e Kanté.

"Tecnicamente, os sauditas têm muita qualidade", diz Bira Melo, preparador de goleiros que trabalhou no Al-Hilal. "Compara-se realmente ao futebol sul-americano em qualidade técnica, gingado. O que fica um pouco abaixo é a questão física, mais pela questão cultural mesmo. Como o país é muito quente, pouco se treina durante o dia, geralmente só no período da noite." Os últimos meses, aliás, já deram uma mostra do nível que os principais clubes sauditas já possuem: a seleção do país, formada principalmente por atletas do Al-Hilal e do Al-Nassr, venceu a futura campeã Argentina no jogo de estreia da Copa do Mundo, e o próprio Al-Hilal eliminou o Flamengo na semifinal do Mundial de Clubes em fevereiro. É comum que os times do país cheguem longe e levantem a taça da Liga dos Campeões da Ásia.

A MLS não tem a mesma força regional, já que as competições da Concacaf (que englobam os times das Américas do Norte e Central e Caribe) são dominadas pelos times mexicanos. O Seattle Sounders, porém, ganhou a última edição da "Concachampions", em 2022. Na visão de Ricardo Moreira, a maioria dos clubes americanos competiria de igual para igual com os do Campeonato Brasileiro. A projeção é de uma consolidação ainda maior após a Copa de 2026, que será realizada nos Estados Unidos, México e Canadá. "Foi a Copa de 1994 aqui que alimentou a criação da MLS. Vamos crescer até 2026 para depois a liga estar fechada, já estabelecida com 30 ou 32 times." Hoje, são 29 equipes, divididas entre as conferências leste e oeste.

A nova ordem coincide com um momento de turbulência na elite europeia, causada, entre outros fatores, por sua própria megalomania. Nos últimos anos, os maiores investimentos ficaram nas mãos de um grupo seleto, que por pouco não conseguiu criar uma Superliga, exclusiva para os times ricos. Até mesmo agremiações históricas, como os italianos Inter, Milan e Juventus, parecem ter encolhido e se tornado menos desejadas no mercado. Em tempos de franca globalização, os dois maiores craques desta geração decidiram se aproveitar das novas brechas. "A liga saudita é melhor que a MLS. Abri o caminho, e agora todos os jogadores estão vindo para cá", cravou Cristiano, bem ao seu estilo, em uma possível cutucada em Messi. Melhor ou pior, fato é que o país árabe tem maior engajamento no esporte bretão. Ao contrário do que ocorre nos EUA, o futebol é o principal esporte da Arábia Saudita, como atestaram os enlouquecidos torcedores da seleção na Copa do Catar.

O caminho para alcançar o status de liga de elite, portanto, ainda é longo e cheio de incertezas, tanto para os EUA quanto para a Arábia Saudita. Tampouco é a primeira vez em que os países tentam internacionalizar seu futebol com nomes de peso: no passado, Pelé, Beckenbauer, Cruyff se aventuraram em solo ianque, enquanto Zagallo e Rivellino fizeram história pelo Al-Hilal. Porém, mais do que nunca, os "novos-ricos" da bola têm à sua frente caminhos bem traçados para, mais cedo ou mais tarde, conseguir rivalizar com os europeus, os tradicionais aristocratas do jogo mais popular do planeta. Se vão conseguir, só o futuro dirá. Mas que já estão incomodando, estão. ■

Dorival posa em um dos campos do CT da Barra Funda: "Ficar sério nessa foto é a parte mais difícil"

CHAMA QUE ELE RESOLVE

CAMPEÃO DA LIBERTADORES PELO FLAMENGO, EM ÓTIMA FASE NO SÃO PAULO E QUERIDO POR TODOS. COM DUAS DÉCADAS DE CARREIRA, ENFIM DORIVAL JÚNIOR COMEÇA A TER O RECONHECIMENTO QUE MERECE

Por: Klaus Richmond e Leandro Miranda, de São Paulo
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

Pare e pense: quem são os três melhores treinadores brasileiros da atualidade? Se sua lista não incluiu Dorival Silvestre Júnior, talvez seja melhor você reavaliar. Aos 61 anos, o atual comandante do São Paulo vive uma das fases mais consistentes de uma carreira que já alcança duas décadas e treze títulos – mas, paradoxalmente, ainda esbarra numa falta de reconhecimento que não condiz com sua trajetória no futebol. "Ah, sim, eu gosto do Dorival, mas..." Mas o quê? Nem ele sabe dizer o que falta para ser colocado de forma unânime na primeira prateleira. E também parece não ligar.

"É uma satisfação você ter o reconhecimento pelo que faz, mas não é o fator principal. Se você entrar em uma profissão só pensando nisso, estará fadado ao insucesso. É até interessante que em todos os clubes em que estive muitas coisas boas aconteceram, mas nunca com essa abordagem que hoje eu percebo. O que vejo é que temos uma sequência de trabalho que faz com que as pessoas acreditem no que estamos desenvolvendo. A prova é que eu consigo retornar duas vezes a um clube como o São Paulo, duas vezes ao Vasco, três vezes ao Flamengo. Isso não é por acaso. É fruto de muita dedicação, do trabalho de toda uma equipe", diz.

Conversando com pessoas que conviveram de perto com Dorival, entre os primeiros termos usados para descrevê-lo está sempre uma variação de "gente fina", "educadíssimo" ou até "gentleman". De fato, não é propaganda enganosa. O treinador atendeu à reportagem de PLACAR com sorriso no rosto e disposição para conversar, mesmo com o tempo escasso – o São Paulo precisaria viajar dali a poucas horas, para um jogo do Campeonato Brasileiro. Fala sempre de forma ponderada, sem alterar a voz em momento algum. Não foge de temas espinhosos, mas prefere direcionar suas respostas para encerrar polêmicas em vez de alimentá-las.

Ainda assim, por vezes deixa transparecer algo engasgado. Depois de eliminar o Palmeiras do português Abel Ferreira nas quartas de final da Copa do Brasil, com duas vitórias em que seu São Paulo foi incontestavelmente superior, Dorival ironizou dizendo que "continua dando sorte" na carreira. Em seguida, listou orgulhosamente os troféus que já conquistou. "Nós convivemos com situações que não existem em grandes clubes da Europa. Lutamos muito para ter uma licença reconhecida, e até hoje não te-

RUBENS CHIRI / SPFC

O técnico e seus comandados: Dorival está na segunda passagem pelo São Paulo

mos. Lutamos muito para que pudéssemos ter o nosso espaço respeitado, e até hoje isso não acontece. Não temos nem a nossa profissão reconhecida dentro do nosso país. Até pouco tempo atrás, não tínhamos um curso de formação, mas nos cobravam uma reciclagem, uma melhoria. Mas, se você não tem como se formar, como vai buscar? E com tudo isso, o treinador brasileiro sempre foi se virando."

WASHINGTON ALVES

Em 2007, no Cruzeiro, vivia a ascensão na carreira de treinador: apesar de alguns títulos, tinha pouco reconhecimento

Mas será que, na engrenagem do futebol brasileiro movida a personagens falastrões, folclóricos e de estilo marcante, o jeitão mais modesto de Dorival não teria segurado um pouco sua ascensão? Em outras palavras, faltou "se vender" melhor? Ele pensa por um instante antes de responder. Ao seu estilo, claro. "Olha, não sei. Eu não trabalho só para a conquista. Trabalho para melhorar a capacidade e as qualidades dos seres humanos que estão à minha volta. Isso é obrigação de quem comanda. Eu nunca tive um comando de imposição, sempre tive um comando compartilhado, porque é nisso que eu acredito. Eu vou finalizar minha carreira sem me alterar. Se eu poderia ter sido mais exaltado, para mim não me importa. O que importa é que eu tenha uma maneira de ser que é a mesma que eu tenho dentro da minha casa."

Se nesse ponto ele parece inflexível, em outros já mudou bastante. Os próprios métodos de treino e processos de gestão estão em constante estudo e evolução – Dorival credita muito dessa melhoria à figura do filho, Lucas Silvestre, que trabalha em sua comissão técnica desde que dirigia aquele mágico Santos de Neymar e Paulo Henrique Ganso, em 2010. Outro aspecto que veio com a experiência é a preocupação de cuidar melhor dos rumos da carreira. Por muitos anos, o treinador nunca recusou um trabalho. Pulava de um time para outro, muitas vezes assumindo equipes brigando contra o rebaixamento pouco tempo depois de ter sido campeão com o clube anterior, em um vaivém bastante característico do futebol brasileiro.

"Eu saí do Figueirense e acertei no dia seguinte com o Fortaleza, saí do Fortaleza e acertei com o Sport, depois no dia seguinte estava fazendo contrato com o São Caetano, do São Caetano para Belo Horizonte, saí do Cruzeiro para o Coritiba, do Coritiba para o Vasco... Como vinha obtendo resultados, achava que aquilo era o correto. Mas, se eu pudesse voltar lá atrás, talvez tivesse tomado outra posição. Quando saí do Santos em 2010, fui para o Atlético Mineiro, que estava na zona de rebaixamento havia vinte e poucas rodadas, brigando sem perspectivas. Talvez fizesse de outra forma, mas sempre enfrentei esse tipo de situação porque sempre confiei muito no meu trabalho. Foram desafios que me fizeram crescer profissionalmente. Hoje, para mim, não existe novidade no futebol."

Nem mesmo ser dispensado depois de conquistar dois dos títulos mais importantes do futebol? Essa foi a situação vivida por Dorival no fim do ano passado pelo Flamengo, que deixou muita gente coçando a cabeça sem entender: campeão da Libertadores e da Copa do Brasil, mas desempregado em janeiro. Até os jogadores

'SÃO MUITOS PONTOS QUE NÓS DEVERÍAMOS ESTAR COMBATENDO NO FUTEBOL BRASILEIRO. NÓS TEMOS MUITAS COISAS PARA MELHORAR, MAS POUCA VONTADE DE BOTAR O DEDO NA FERIDA'

13 E CONTANDO...

As conquistas da carreira de Dorival: currículo de respeito

1 LIBERTADORES
2022

2 COPAS DO BRASIL
2010 e 2022

1 RECOPA SUL-AMERICANA
2011

1 SÉRIE B
2009

8 ESTADUAIS

- **1 Pernambucano** 2006
- **2 Paranaenses** 2008 e 2020
- **2 Paulistas** 2010 e 2016
- **1 Catarinense** 2004
- **1 Gaúcho** 2012
- **1 Cearense*** 2005

ficaram perplexos quando a diretoria rubro-negra preferiu não renovar o contrato do técnico, alegando uma queda de rendimento na reta final da temporada. A aposta foi no português Vítor Pereira, que abandonou o Corinthians e acabou só ficando até abril na Gávea. Pessoas próximas a Dorival avaliam que faltou o treinador se impor mais. Mas ele próprio, como de costume, mantém o discurso construtivo e as portas abertas. "Só tenho a agradecer ao Flamengo. Eu preferi ficar quieto, respeitar a posição tomada, entender e agradecer por todo o carinho que tive lá dentro, por tudo que recebi e recebo do torcedor. E ainda vou voltar. Não sei se daqui a cinco, seis, sete anos... Tenho essa convicção, porque ainda não terminei o que eu realizaria lá dentro."

O Flamengo não é o único clube para o qual Dorival quer retornar. Ele afirma que há pelo menos outros dois em que sente que deixou obras inacabadas: Palmeiras e Cruzeiro, que tiveram trabalhos interrompidos, são candidatos fortes, mas o treinador prefere deixar os nomes para a imaginação do torcedor. Esses projetos, porém, pertencem a um futuro não tão próximo, já que o trabalho no São Paulo vai muito bem, obrigado. Depois de anos flertando com a luta contra o rebaixamento e distante de títulos de peso, o Tricolor vive uma de suas melhores fases das últimas duas décadas. Quando chegou, Dorival encontrou o clube com um jogo que fluía pouco em campo e tinha problemas de vestiário deixados pela gestão do antecessor Rogério Ceni. Qual seria o segredo? Se você está prestando atenção até aqui, já sabe como será a resposta: evitar apontar culpados, compartilhar os méritos, valorizar cada etapa do processo.

"Toda mudança vem acompanhada de um combo, não é apenas uma situação isolada. Existe uma mudança comportamental de todas as pessoas envolvidas no processo, e isso passa desde o primeiro momento em que se entra no centro de treinamento, com os funcionários com um sorriso daquele tamanho, independentemente do que esteja acontecendo, trazendo uma energia diferente daquilo que você percebe nas ruas. As pessoas às vezes falam: 'O culpado por isso não estar acontecendo é a figura A, B ou C'. Não, não é assim. É um processo, e dentro desse processo há muitas situações que podem fugir do alcance de quem comanda. O principal é que você isole um pouco esse lado negativo, que você chegue propondo soluções e não debatendo o passado", explica.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEXANDRE BATTIBUGLI

No Flamengo, em 2022, e no Santos, em 2010: trabalhos elogiados e que terminaram com títulos importantes

É falando de futebol que Dorival se sente mais à vontade. O dia a dia de um clube, o trabalho de campo, a metodologia, as ideias de jogo, o desenvolvimento dos jovens... Por isso, rapidamente o assunto foge de novo dos feitos do treinador para um debate mais amplo sobre como melhorar o futebol brasileiro. De fato, Dorival é diferente nesse aspecto. Em um ambiente marcado pela ultracompetitividade, pelo "meu time acima de tudo" e pelo "resultadismo", ele fala da necessidade de todos os atores do esporte – clubes, técnicos, jogadores, arbitragem, federações, imprensa – se unirem, pensarem no bem coletivo, dialogarem.

"Não temos união entre as áreas, não há lealdade. Então, de que maneira vamos contribuir? Não tem como. Como eu vou cobrar de um joga-

*O TREINADOR FOI DEMITIDO DURANTE A CAMPANHA, EM 30 DE MARÇO DE 2005. O FORTALEZA TERMINOU COMO CAMPEÃO SOB O COMANDO DE VAGNER BENAZZI

'EDUCADO, PACIENTE, TRABALHADOR, CENTRADO, GANHADOR DE TÍTULOS E O CARA PARA A SELEÇÃO...'

É DIFÍCIL OUVIR CRÍTICAS A DORIVAL (QUE ERA CONHECIDO COMO JÚNIOR, NOS TEMPOS DE JOGADOR) NO MEIO FUTEBOLÍSTICO

São José, 1987

SILVIO PORTO

"Queria fazer um enaltecimento ao grande trabalho do Dorival. Ele conseguiu, em tão pouco tempo, ajustar a equipe numa mecânica em cima de uma ideia de quantificação de carga, fazer complemento de setores e de equipes, que é muito difícil."
Tite, em entrevista coletiva, enquanto era técnico da seleção brasileira

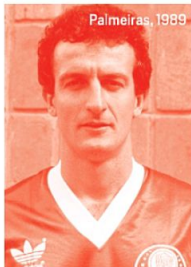
Atlético-MG, 2010

EUGÊNIO SÁVIO

"Dorival tem muita paciência. Meu estilo é muito diferente do dele. Falo direto: 'Você é muito educado, Dorival'. Outros treinadores são mais duros. Ele chama o cara, conversa, explica, não deixa ninguém de lado."
Muricy Ramalho, ex-treinador e atualmente coordenador técnico do São Paulo, em entrevista para a coluna Arnaldo e Tironi

Santos, 2010

EDISON VARA

"Peguei o Dorival em duas passagens, as duas pelo Flamengo, e ele evoluiu ainda mais. Sempre teve um bom relacionamento com os jogadores, e agora vejo isso no São Paulo. O time tem repertório, vai pela direita, esquerda, joga no meio, não é uma posse de bola passiva, tem o momento certo para atacar."
Diego Ribas, ex-jogador e atualmente comentarista, no programa Boleiragem, do SporTV

Palmeiras, 1989

"Se o Dorival fosse marrento, xingasse jogador e estivesse no Rio de Janeiro, talvez fosse o técnico da seleção. Mas, como ele é educado, centrado, ganhador de títulos, não serve. Será que vocês não entenderam que o Dorival Júnior era o cara para ser treinador da seleção? Isso seria o correto."
Neto, ex-jogador e atualmente apresentador, durante o programa Donos da Bola, da TV Bandeirantes

São Caetano, 2007

RENATO PIZZUTTO

ORLANDO KISSNER

RICARDO CORRÊA

Júnior: volante de bom passe com passagens por Coritiba, em 1988, Palmeiras, de 1989 a 1992, e outros 11 clubes

dor que ele não simule uma falta? Eu posso cobrar, mas, infelizmente, ali do lado não vai acontecer. Não é uma atuação única, então o que nós vemos em todos os jogos? Uma simulação clara, a todo momento acontecendo, induzindo a arbitragem. Vemos as nossas atitudes fora de campo, treinadores questionando a todo momento a arbitragem de uma maneira errada. O árbitro não tendo paciência com os jogadores, com as comissões técnicas. Uma animosidade gratuita, uma cobrança da diretoria para com os atletas e assim por diante. A imprensa está participando de todo esse sistema, fomentando muita coisa. Por isso que eu falo: são muitos pontos que nós deveríamos estar combatendo no futebol brasileiro. Nós temos muitas coisas para melhorar. Mas temos muito pouca vontade de botar o dedo na ferida."

Há muitos anos Dorival trava essa batalha fora das quatro linhas. Ele foi, em 2013, um dos fundadores da Federação Brasileira dos Treinadores de Futebol, criada com o intuito de regularizar e organizar a categoria no país. Não espanta, portanto, que seja defensor ferrenho de um brasileiro no comando da seleção. Fernando Diniz, que assumiu recentemente como interino do time canarinho até o meio de 2024, merece muitos elogios – mesmo tendo um currículo bem mais modesto que o do próprio Dorival. Já o nome do italiano Carlo Ancelotti, comandante do Real Madrid que é o grande sonho da CBF para se tornar o técnico no ano que vem, é visto com menos empolgação.

"O Fernando é um profissional muito preparado, um cara estudioso, que tem uma visão própria de futebol, e isso tem que ser respeitado. Não tenho dúvidas de que terá uma carreira muito sólida e brilhante pela frente, pela capacidade que possui e pelo ser humano que é. Com relação ao Ancelotti, eu sempre defendi um profissional brasileiro. Sempre. Agora, foi uma pessoa que me recebeu maravilhosamente bem quando lá estive, não tem o que falar. Eu entendo que o melhor treinador que tenho acompanhado nos últimos anos é o Guardiola. Acho que, se queremos um estrangeiro, talvez esse fosse o nome, mas, sem dúvida, o maior trabalho do Fernando, do Ancelotti ou de outro profissional que estiver no cargo seja de resgatar o torcedor brasileiro, para que se reaproxime da nossa seleção. Isso é uma obrigação de todos nós: lutar para que isso aconteça e que sejamos novamente o país número 1 no mundo."

E, como Dorival não pensa em parar tão cedo, o sonho de um dia também dirigir a seleção, claro, está vivo. "Expectativa, todo profissional tem. Sempre tratei isso com muito equilíbrio. Nunca me empolguei nem achei que estivesse totalmente descartado. Se um dia vier a acontecer, será no momento certo." Projetos e ideias, como se vê, não faltam para Dorival Júnior. E ele mesmo já deu a fórmula para que eles se concretizem: falar pouco e fazer muito. O treinador discreto e "gente boa" mostrou inúmeras vezes que também é um dos mais competentes do país. Mudar pra quê? ■

Na versão atual, aos 42: o atleta mais velho da Série A

FONTE DA JUVENTUDE

O RELÓGIO PARECE ATÉ CONGELAR PARA ACOMPANHAR FÁBIO, O GOLEIRÃO DO FLUMINENSE AINDA EM GRANDE FORMA. O TEMPO SÓ FAZ BEM A ELE. ELOGIADO POR FERNANDO DINIZ E CARREGADO DE RECORDES, A PERGUNTA É SIMPLES: ATÉ ONDE VAI?

Por: Klaus Richmond
e Maria Fernanda Lemos, do Rio de Janeiro
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

Fazia um calor daqueles em Dallas, no Texas, em março de 1997. Sol de ferver chaleira, definiria uma antiga expressão. Os termômetros registravam acima dos 100 graus Fahrenheit, o equivalente a quase 40 graus Celsius, quando as lentes do repórter fotográfico Alexandre Battibugli encontraram um jovem goleiro do União Bandeirante, time do interior do Paraná, debaixo das traves de um dos campos desenhados pelo estádio Cotton Bowl. Chegara aos ouvidos de Batti a história de que o jogador de 16 anos não era só mais um entre os 3 000 atletas inscritos na 18ª edição da Dallas Cup, torneio de base criado em 1980 e que à época ostentava comparações com um Mundial Interclubes. O personagem não usava chuteiras coloridas nem brincos. Os traços físicos também eram discretos, mas ele chamava atenção por ter sido campeão sul-americano sub-17 com a seleção brasileira meses antes e pai precoce, aos 14. Mesmo assim, ainda era difícil acreditar não ser só mais um na multidão. Batti terminou aquela noite com uma toalha molhada sobre o rosto na tentativa de se recuperar da ensolarada jornada sem filtro solar. Dias depois do clique despretensioso, o goleiro terminaria como herói do título da categoria sub-17 ao defender três pênaltis nas semifinais.

O prodígio escolhido há mais de 26 anos por PLACAR era o mato-grossense Fábio Deivson Lopes Maciel, hoje camisa 1 do Fluminense. A reportagem escrita por Alfredo Ogawa contava a saga de diversos garotos, de 18 países diferentes, em busca de um lugar ao sol. E Fábio, definitivamente, alcançou o seu: jogador mais velho em atividade na Série A (completa 43 anos em 30 de setembro), brasileiro com mais partidas em Libertadores (93*), com mais jogos em edições de Campeonato Brasileiro (651* até o fechamento desta edição), primeiro nome a atingir 100 aparições na Copa do Brasil, recordista de jogos pelo Cruzeiro (973) e terceiro goleiro no mundo que mais partidas ficou sem sofrer gols (459*), atrás somente do italiano Gianluigi Buffon (504*) e do inglês Ray Clemence (556). "E se eu falar que não sei nada disso, só na cola de vocês, mesmo, da revista? Sempre busquei tudo no dia a dia, acredito que isso me ajudou. Se fui bem na temporada passada, quero melhorar na próxima. O que fiz nunca vai ser suficiente, e isso foi crucial para que pudesse seguir", disse em entrevista a PLACAR.

Os reencontros são sempre bonitos. Fábio e Batti estiveram novamente frente a frente para um retrato, no CT Carlos Castilho, no Rio. "Faz tempo, hein? Eu lembro [da foto], estamos ficando velhos", brinca o goleiro, agora com cabelos brancos – como os de Batti – e já consolidado pela carreira iniciada profissionalmente naquele mesmo ano, em 1997, com passagens por Athletico-PR, Vasco e Cruzeiro, até a chegada ao clube carioca em janeiro do último ano. A fórmula para fazer frear o tempo é atribuída por ele mesmo à sua fé e disposição em "pagar um preço", termo que repete por diversas

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Em 1997: aos 16 anos, durante a Dallas Cup pelo União Bandeirante, do Paraná

vezes ao longo da entrevista. "É claro que você precisa querer pagar um preço, ter a humildade de saber que necessita evoluir diariamente, se observar, escutar onde pode melhorar", diz. "Sou muito focado em melhorar meus treinamentos porque, se tiver o hábito de fazer bem feito, dentro dos jogos vou ter menos dificuldades. E a minha fé é a base de tudo, porque me concede saúde. As lesões atrapalham muito e, graças a Deus, tive poucas na carreira. Deus sempre direcionou tudo em minha vida. Depois, com conhecimento, tive certeza disso."

Apesar da idade avançada, não há regalias. Pelo contrário, ele chega diariamente pelo menos trinta minutos antes dos companheiros ao CT para iniciar os trabalhos específicos da posição sob o comando dos preparadores André Carvalho e Josmiro de Góes. Depois das atividades, ainda são comuns sessões de gelo ou tratamentos para prevenção de lesões. Segundo re-

*Os números foram contabilizados até o fechamento desta edição, em 31 de julho de 2023

A TRAJETÓRIA IMPECÁVEL DE FÁBIO

ALÉM DA LONGA HISTÓRIA NO CRUZEIRO, O GOLEIRO TAMBÉM TEM PASSAGENS POR ATHLETICO-PR E VASCO, ONDE CHEGOU PELA PRIMEIRA VEZ À SELEÇÃO PRINCIPAL

1997

Pelo União Bandeirante, do Paraná, o primeiro clube da carreira, Fábio chegou à seleção de base e se profissionalizou aos 17. A equipe paranaense foi extinta em 2006. Ele cogitou largar o futebol anos antes de subir, mas uma bronca da irmã Fabiana evitou a carreira abreviada: "Foi um sinal de Deus".

ALEXANDRE BATTIBUGLI

2000

Depois de empréstimos no Athletico-PR, em 1998, e no Cruzeiro, em 2000, acertou com o Vasco. No primeiro jogo como titular, defendeu o pênalti de Edmundo, então jogador do Santos. Permaneceu no clube até 2004, quando chegou à seleção brasileira principal. A saída foi conturbada após um imbróglio com Eurico Miranda. Foram 150 partidas pelo cruzmaltino.

EDUARDO MONTEIRO

2005

A volta para o Cruzeiro, agora para iniciar trajetória de ídolo. Fez 976 partidas pelo clube mineiro, conquistou diversos títulos, entre eles dois Brasileiros (2013 e 2014), três Copas do Brasil (2000, 2017 e 2018) e sete Estaduais (2006, 2008, 2009, 2011, 2014, 2018 e 2019). Deixou o clube em 2022, ainda na Série B, após a chegada da SAF presidida por Ronaldo Fenômeno.

RENATO PIZZUTTO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

CBF

2022

Após quase acertar com o América-MG, voltou ao Rio de Janeiro para jogar no Fluminense. Ele diz que Deus usou novamente sinais, apesar de mais de 18 anos em Belo Horizonte e a oportunidade de permanecer. Já são mais de 100 partidas pelo clube, além da conquista do Campeonato Carioca deste ano.

LEONARDO BRASIL / FLUMINENSE FC

NA SELEÇÃO

Com a camisa canarinho, carregou a fama de sempre preterido. Duas vezes vencedor da Bola de Prata (2010 e 2013), jamais teve sequência na carreira. Fez parte do grupo que conquistou a Copa América de 2004, no Peru, em histórica decisão diante da Argentina.

lato de funcionários do clube, Fábio, John Arias e Paulo Henrique Ganso são sempre os últimos a deixar os treinamentos. Também está visivelmente mais magro. "É um conjunto aliado à alimentação, ao dia a dia, descanso e mais a preparação com trabalhos cuidadosos, independente de sol ou chuva, de campo bom ou ruim, de estar no CT ou em viagem."

Fábio é visto como um fora de série no ofício da função, talvez a mais delicada no futebol, a derradeira fronteira, a um milímetro entre a glória e a tragédia. Em maio, depois da vitória por 2 a 0 diante do Cruzeiro, no Mineirão, pela quinta rodada do Brasileirão, o técnico Fernando Diniz não poupou elogios pelo fato de o goleiro ter se adaptado aos moldes considerados ideais pelo treinador, um fã confesso de jogadas construídas desde o camisa 1 de suas equipes. "É um gênio do gol. Por isso ele consegue jogar com a idade que tem. Um cara com a idade dele se predispor a aprender a jogar com o pé, treinar mais do que os outros... Ele faz isso com uma naturalidade incrível hoje", disse Diniz, na ocasião.

O comandante do Fluminense enxerga o futebol como um tabuleiro de xadrez. Atrair o adversário para o próprio campo aumenta o espaço entre os setores. O goleiro, com isso, se torna parte vital do processo, acionado por diversas vezes durante a partida. "Antes, para mim, o recuo era só uma bola de socorro, dominar e jogar para a frente, como a grande maioria dos goleiros faz. Com o Diniz é completamente diferente, você vira um líbero, está pronto para dar sequência às jogadas. Trabalhamos diariamente no limite para nos jogos ter essa coragem."

A rotina de longas viagens e concentrações, constantemente apontada como um fardo por diversos atletas e treinadores no futebol brasileiro, é outro fator que não o preocupa. Segundo ele, seria impossível alcançar a longevidade não fosse a manutenção daquele sentimento do garoto que deixou Nobres, no Mato Grosso, para se aventurar no futebol. "O dinheiro, apenas o dinheiro, não pode ser o alimento para manter a rotina, nem para lidar com as cobranças", diz. "Tem que querer muito, amar muito e ter prazer de acordar para vir ao CT vestir a camisa do clube. Prazer para fazer de novo, de novo e de novo, independentemente do resultado. É algo que o dinheiro não pode motivar. Senão, uma hora o cara entra no carro e diz: chega."

E não faltaram oportunidades para o "chega" de Fábio. Em 2022, ele precisou se despedir quase à força do Cruzeiro, depois de 18 anos ininterruptos, diversos recordes e títulos conquistados, com a mudança do clube para SAF (Sociedade Anônima do Futebol), encabeçada por Ronaldo Fenômeno. "Com lágrimas e dor, preciso aceitar que não contam comigo no clube", desabafou em comunicado à torcida nas redes sociais. "Me disseram que qualquer outro cenário estava inviabilizado e que eu não faço parte do planejamento desportivo", acrescentou em outro trecho, dizendo ainda estar disposto a facilitar o pagamento de débitos do clube referente a anos anteriores. "Eu fiz a minha parte, não foi por dinheiro. Se fosse, teria saído quando a equipe caiu, mas abri mão de tudo. Só achei que poderia ser diferente. Mesmo que não fosse para eu permanecer, que fosse da forma correta, com hombridade e transparência. Mas passou, ficou para trás", conta. "Foi novamente permissão de Deus", completa.

O cenário doloroso se repetiu no inexplicável esquecimento durante quase toda a carreira na seleção brasileira. Foram só três jogos, apesar de estar presente nos elencos da Copa das Confederações, em 2003, e na conquista do título da Copa América, em 2004. Mencionou que convocações tinham amizade como critério, não o mérito. "Ninguém explica, infelizmente", afirma. "É uma força que foge da minha alçada. Tive algumas oportunidades porque ficava até vergonhoso não me levarem, mas quando eu ia era com outros dois goleiros, três... Os caras precisavam desmaiar ou acontecer muita coisa para que eu tivesse a oportunidade. A minha consciência é tranquila e isso me faz feliz. Depois Deus me deu a oportunidade de trabalhar com treinadores que passaram lá, como o Mano [Menezes] e o Felipão. É algo resolvido porque tenho a minha fé. Foram escolhas. Não posso ter mágoas, sou cada vez mais grato pela possibilidade de ainda conseguir jogar."

Nem tudo, porém, foi tranquilo. Em dezembro de 2003, na primeira grande entrevista à PLACAR, quando estava no Vasco, sonhava com a vida na Europa. A mulher, Sandra Mara, neta de italianos, estava às portas de conquistar o desejado passaporte. Ele havia recém-assinado com o empresário francês Franck Henouda, influente agente no mercado europeu. Três anos, depois, em 2006, estava de férias na Itália, prestes a assinar com o Osasuna, na Espanha. Chegara a hora. Ao sentar-se na mesa com o agente e dirigentes do clube, contudo, os termos do contrato eram diferentes do combinado. Houve uma tentativa de ajuste, mas sem solução, e a quimera foi desfeita. "Nunca pensei em como seria na Europa, e é assim que penso em relação à seleção brasileira", diz. "Por isso, fico leve com a minha caminhada. Usufruo do que Deus me proporcionou. Quando deixei aquele sonho, Deus viu que confiava nele. Tive outras propostas e permaneci. Nem nos meus melhores sonhos poderia imaginar a carreira que tive."

Agora, após tantos anos de estrada, Fábio evita projetar sobre a renovação no Fluminense, embora as partes já conversem sobre a extensão do vínculo por pelo menos mais uma temporada. Desde as fotos na ensolarada Dallas, ainda na adolescência, até as feitas agora, ele segue sendo o mesmo, confiante, como se o menino desse as mãos para o adulto. Ou, na bela frase do poeta William Wordsworth, depois citada por Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, "o menino é o pai do homem". ■

O GLORIOSO CONTRARIOU EXPECTATIVAS, SUPEROU ADVERSÁRIOS BADALADOS E CORRE COM ÍMPETO RUMO A UM TÍTULO NACIONAL APÓS 28 ANOS

Por: Guilherme Azevedo
Design: LE Ratto

"O dia já vem raiando, meu bem... Tiquinho Soares é f***..." Camisa 9 foi uma das diversas apostas certeiras da nova gestão alvinegra

ESSE É O BOTA FOGO QUE EU GOSTO

São longos 28 anos sem um título nacional de elite. Quase três décadas forjadas na dor de derrotas amargas e até rebaixamentos. O sofrimento moldou o caráter de uma geração de alvinegros que cresceu ouvindo histórias sobre Garrincha, Nilton Santos e Túlio Maravilha. No ambiente de galhofa tão comum aos cariocas, o Botafogo tornou-se vítima constante dos rivais. Temporadas a fio, a descrença tomou conta da arquibancada, que até se habituou a rir de si mesma e a encarar as raras boas fases como mero "fogo de palha". Mas os ventos mudaram no bairro de Engenho de Dentro e hoje o Estádio Nilton Santos é um lar de euforia, otimismo e musicalidade. Se hoje os versos bem-humorados louvam Tiquinho Soares e o talismã Segovinha, é em Beth Carvalho, a monumental cantora alvinegra morta em 2019, que a campanha pode desembocar. "Esse é o Botafogo que eu gosto, esse é o Botafogo que eu conheço. Tanto tempo esperando esse momento, meu Deus. Deixa eu festejar que eu mereço", cantava a eterna Madrinha. O sonho é real, e a Estrela Solitária está perto de voltar a brilhar.

Desde o título do Campeonato Brasileiro de 1995, o Botafogo ergueu apenas cinco Estaduais (1997, 2006, 2010, 2013 e 2018) e duas Séries B (2015 e 2021). O último rebaixamento foi o mais angustiante, com apenas 27 pontos em 38 rodadas, na lanterna da competição. Entre dívidas altíssimas e baixa arrecadação, o fundo do poço parecia próximo, mas sempre há um facho de luz para a Estrela Solitária. A aprovação da lei das SAFs (sociedades anônimas do futebol) abriu caminho para John Textor, um bilionário americano apaixonado por soccer, que decidiu incluir o Botafogo em sua carteira de negócios a partir de março de 2022.

O primeiro ano de volta à elite foi decente. O elogiável trabalho de scout captou nomes de bom nível, fora de mercados badalados, e montou um plantel equilibrado, sem gastos exorbitantes, na contramão da estratégia que levou veteranos como o marfinense Salomon Kalou e o japonês Keisuke Honda ao clube. Sob a batuta de Luís Castro, a equipe atingiu o ápice. O treinador português viveu uma gangorra de sentimentos com a torcida. Chegou como esperança, mas virou vilão na campanha ruim do Campeo-

VITOR SILVA / BOTAFOGO

O discreto e eficiente elenco do Botafogo, montado pela gestão do americano John Textor, dono da SAF

VITOR SILVA / BOTAFOGO

nato Carioca de 2023; depois, foi alçado ao posto de ídolo, porém deixou o Brasil sob vaias da torcida.

Castro levou o Botafogo à liderança da elite nacional, batendo grandes adversários e convencendo, mesmo com um estilo mais pragmático do que inovador. A lua de mel acabou em conturbado divórcio, não por resultados, mas pela decisão de trocar o Rio por Riad, sede do Al-Nassr, o time do compatriota Cristiano Ronaldo na Arábia Saudita. Um leve temor se instaurou, mas foi prontamente apaziguado pela gestão de futebol, que trouxe Cláudio Caçapa do Lyon (clube do grupo de Textor) para a posição de interino, até a chegada de outro técnico lusitano, o jovem e já badalado Bruno Lage.

Dentro de campo, ninguém brilha mais que Tiquinho Soares. Praticamente anônimo em sua chegada, o centroavante paraibano de 32 anos e carreira respeitável no futebol português foi uma aposta certeira. Artilheiro, criativo fora da área e líder, é o nome que faz o Nilton Santos tremer com músicas e gritos, puxados pela equipe de som no estádio, algo novo no país e que mostra o dedo do novo dono, seguindo o padrão do showbiz americano. Francisco das Chagas Soares dos Santos é o nome de batismo do novo ídolo. Avesso a badalações, Tiquinho já vive a fase mais goleadora da sua carreira. Até o fechamento da edição, somou 24 gols em 36 jogos pelo Fogão, superando a temporada 2018/19, quando brilhou pelo Porto. Como cantam as arquibancadas, "Tiquinho Soares é "f***".

VITOR SILVA / BOTAFOGO

No entanto, a equipe é sustentada por diversos coadjuvantes de luxo, pilares do grupo que sonha em tirar o Botafogo da fila. Mais próximo taticamente ao artilheiro, está o meia ofensivo Eduardo. Fruto do trabalho de observação do novo projeto, o atleta passou os últimos anos na Arábia Saudita e nos Emirados Árabes, o que lhe rendeu o apelido de "Sheik". Aos 33 anos atualmente, Eduardo se divide entre chegadas na área, finalizações de fora e passes para clarear a jogada. Os dribles do canhotinho paraguaio Matías Segovia, o popular Segovinha, também viraram uma divertida música e ajudaram a incendiar o ambiente no Niltão. O Botafogo de 2023 tem ainda uma notável sustentação entre defesa, criação e ataque. O volante Marlon Freitas, que veio do Atlético Goianiense, é um ponto de equilíbrio, pois lidera as estatísticas de passes certos e bolas longas do time e também se destaca com desarmes.

Quando porventura o ataque não

NÚMEROS E MARCAS DO HISTÓRICO BOTAFOGO

Campanha com recordes e vitórias emblemáticas é grande trunfo para a empolgação alvinegra

Recorde de rodadas na liderança dos pontos corridos
Em 2007, o Botafogo ficou nove rodadas na liderança. Este ano, já bateu a marca (é líder desde a 3ª)

100% em casa
(contabilizados até o encerramento da 17ª rodada)

9 JOGOS
9 VITÓRIAS
20 GOLS MARCADOS
2 GOLS SOFRIDOS

Resposta a 2020
Quando caiu, o Botafogo terminou em último, com 27 pontos, pontuação alcançada em 2023 após 11 jogos

Eficiência
Posse de bola de **46,4%*** e **32 gols**

Fortaleza defensiva
Dos **17** jogos, ficou **10** sem sofrer gol

Venceu os rivais diretos pelo título
3x2 NO FLAMENGO
1x0 NO PALMEIRAS
2x0 NO GRÊMIO

*FONTE: SOFASCORE

Artilheiro, criativo fora da área e líder, Tiquinho é o nome que faz o Nilton Santos tremer com músicas e gritos, puxados pela equipe de som no estádio, algo novo no país e que mostra o dedo do novo dono, seguindo o padrão do showbiz americano.

funciona e os adversários conseguem passar da linha de meio-campo, nada está perdido. Influente e cada vez mais seguro, Adryelson caiu nas graças dos botafoguenses. Não é por menos, já que, enquanto o defensor esteve em campo, o alvinegro sofreu apenas 24 gols em 37 partidas. Em algumas aventuras ao ataque, o zagueiro também balançou as redes e foi importante. São quatro tentos no ano, dois deles para empatar jogos importantes, como diante do Santos, na Vila Belmiro. Em último caso, nos raros momentos em que os defensores não conseguem afastar a bola, o Botafogo ainda tem contado com a garantia de Lucas Perri. Cria do São Paulo com passagem pelo inglês Crystal Palace, outro time de Textor, o paulista de 25 anos aproveitou-se de uma lesão do ídolo Gatito Fernández, assumiu a titularidade e virou nome essencial. Quase que milagroso em momentos decisivos, Perri despontou como protagonista e já é cotado até para a seleção brasileira.

A apresentação do elenco comprova a tese de que a liderança botafoguense não é um acaso. Com jogadores qualificados e em excelente fase, o desempenho dentro de casa é de 100% de aproveitamento no Brasileirão, vinte gols marcados e apenas dois sofridos. Fora de casa, o time mantém ótimo retrospecto e por isso desfruta de certa sobra na liderança ao final do primeiro turno. Alguns triunfos foram emblemáticos e deram o recado: este Botafogo é, sim, sério candidato ao título. O Botafogo passou pelo vice-líder Grêmio, o atual campeão brasileiro Palmeiras e o potente Flamengo. Em cada um dos jogos, uma história diferente foi contada. Na partida contra o Tricolor gaúcho, defesas salvadoras de Perri e um aproveitamento ofensivo exemplar. Frente ao Palmeiras, a neutralização do potente adversário em pleno Allianz Parque. E no clássico, em um Maracanã lotado, uma tarde iluminada recheada de gols.

Ainda sem reais fases de baixa na competição, o Botafogo entra para a segunda etapa do torneio com uma mudança importante. Depois de perder Luís Castro e seguir em alta com Caçapa, o escolhido para dar sequência foi Bruno Lage, treinador português de 47 anos com passagem pela Inglaterra e um título nacional no Benfica. Dizem que há coisas que só acontecem com o Botafogo, e a supersticiosa torcida teve um ótimo dado ao qual se apegar: Lage foi apresentado no dia 12 de julho, a mesma data, exatos 28 anos depois, em que Paulo Autuori, o comandante do título de 1995, pisou em General Severiano.

A confiança botafoguense está longe de ser abalada e o otimismo se justifica. Segundo o site Probabilidades do Futebol, do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a chance de título é de 85,4% – e o desempenho corrobora o dado. O desastre para o Fogão perder o troféu teria de ser uma grande e duradoura má fase, acompanhada de uma forte sequência dos adversários, que estão longe e dividem atenção com outras competições. No fim das contas, o horizonte é de sucesso e o botafoguense parece entender isso. Fruto de um trabalho ainda recente e bem feito, com boas contratações e espírito de crescimento na hora das decisões, o time deu um forte pontapé para o título. Sua estrela solitária te conduz. ■

INEXISTENTES NA ELITE EUROPEIA, GRAMADOS ARTIFICIAIS COMEÇAM A INVADIR O FUTEBOL BRASILEIRO E DIVIDEM OPINIÕES. PLACAR OUVIU ESPECIALISTAS DA BOLA, DA AGRONOMIA E DA MEDICINA E TESTOU O PISO DA DISCÓRDIA

Por: Luiz Felipe Castro
e Maria Fernanda Lemos
Foto: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

HERÓI OU VILÃO?

Diz um velho ditado da bola cunhado por Don Rossé Cavaca, pseudônimo do jornalista José Martins de Araújo Júnior (1924-1965): "desgraçado é o goleiro, até onde ele pisa não nasce grama". Os arqueiros não são os únicos a sofrer com a condição dos pisos nos últimos anos. Não bastassem os quiproquós envolvendo o VAR, o futebol brasileiro tem hoje um novo protagonista de polêmicas: os gramados artificiais. Os tapetinhos, como vêm sendo chamados, surgiram como alternativa aos campos secos e esburacados pelo excesso de jogos, shows e outros eventos. São mais baratos, deixam a bola rolar e saem bonitos na foto, mas também alimentam uma série de preocupações e reclamações, sobretudo por parte dos atletas visitantes.

Com a estreia do novo gramado do Nilton Santos, a casa do Botafogo, líder do Brasileirão, a elite nacional chegou a três campos sintéticos – o Athletico-PR foi pioneiro, seguido pelo Palmeiras. Cada um apresenta uma tecnologia diferente, mas todos são homologados pela Fifa e simulam as condições da grama real. A tensão cresce à medida que deixam de ser raridade – e que seus donos vão acumulando bons resultados. Gabigol, o ídolo do Flamengo, tratou o campo da Ligga Arena, em Curitiba, como "horrível". Luis Suárez, o veterano astro do Grêmio, se negou a atuar nos campos artificiais, temendo lesões. Outros atletas e dirigentes dividiram opiniões (veja no quadro mais adiante). O debate é complexo, pois nem a ciência e muito menos as partes interessadas chegam a um denominador comum. PLACAR, no entanto, se propôs a escavar este terreno.

O mais perto de um consenso entre as fontes ouvidas pela reportagem é que o ideal seria que todos os campos fossem naturais e de ótima qualidade. O que se vê, no entanto, são templos do esporte, como Mineirão e Mara-

Custo-benefício: o novo campo sintético do Bruno José Daniel, do Santo André

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Com arquitetura favorável e alto investimento, Morumbi tem um dos melhores gramados naturais do país

canã, completamente desgastados, amarelados. Já os sintéticos estão cada vez mais verdejantes e desenvolvidos. É o que garantem as empresas do ramo. A Total Grass, responsável pelo Nilton Santos, diz que o Glorioso dispõe da tecnologia mais avançada atualmente, com um sistema de drenagem imune a temporais, uma manta anti-impacto que traz mais maciez e um composto de cortiça, material de origem vegetal e de atuação isolante, que impede o superaquecimento dos fios sintéticos. A empresa informa que os preços de um campo artificial variam de 2,5 milhões a até 10 milhões de reais. O diretor geral da SAF do Botafogo, Thairo Arruda, diz que até o fim de 2023 o clube deve lucrar mais de 12 milhões de reais com shows de bandas como Red Hot Chilli Peppers e RBD no local. "Quando assumimos a SAF, o estádio era deficitário, tínhamos receitas apenas alguns dias do ano. Destravar essa fonte de receita exigiu investimento em infraestrutura."

Do lado oposto do mercado, as empresas de grama natural se defendem das críticas aos campos esburacados. Para Rodrigo Santos, coordenador da Itograss, empresa responsável por 80% dos estádios das séries A e B, o principal vilão é o calendário. "O Maracanã tem tecnologia de ponta, mas é impossível uma grama permanecer em bom estado com dois ou mais jogos toda semana", alega o engenheiro agrônomo. O clima, a geografia e até a arquitetura dos estádios influenciam. "A cobertura das arenas modernas impede a entrada de luz do sol. A Arena do Grêmio sofre com isso e com o inverno mais rígido." Áreas abertas, como da Vila Belmiro e do Morumbi, levam vantagem. A casa do São Paulo é uma das mais elogiadas, apesar de sua lotada agenda. Parceiro da Itograss, o clube paulista adota o que Rodrigo Santos vê como ideal: troca a grama natural duas vezes por ano, no meio da temporada de shows, sem necessidade de uma longa reforma. "A tecnologia ready to play permite que um gramado plantado em uma fazenda seja transportado em grandes rolos e instalado, já pronto para uso, em até três dias."

Mauro Castro, o gerente do Morumbi, garante que o São Paulo jamais cogitou trocar o piso por um artificial, por se tratar de um "estádio privile-

OS TAPETINHOS DA SÉRIE A

Os três campos artificiais da elite têm tecnologias diferentes

REINALDO REGINATO / DF

LIGGA ARENA
ATHLETICO-PR

Instalação do gramado: 2016
Empresa: Italgreen
Tipo: composto ecocompatível (fibra de coco)

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALLIANZ PARQUE
PALMEIRAS

Instalação do gramado: 2020
Empresa: Soccer Grass
Tipo: elastômero termoplástico

REST PHOTO AGENCY

NILTON SANTOS
BOTAFOGO

Instalação do gramado: 2023
Empresa: Total Grass
Tipo: cortiça manufaturada

CAMPO MINADO

O que dizem os artistas do espetáculo sobre os gramados artificiais

CALLERI, atacante do São Paulo

"Me surpreendi com o gramado do Botafogo, é muito diferente dos do Palmeiras e Athletico-PR, gostei demais. Dava para jogar, acho que os dois times jogaram com a bola no chão. Achei o campo muito bonito, e, se o gramado aguentar um ano inteiro assim, será bom."

RONALDO, sócio majoritário do Cruzeiro, ao SporTV

"Temos de ter padrão de gramado, tipo de grama, se molha antes do jogo... Essa discussão vai existir na liga. Independentemente se vai ser sintético, que dá mais garantia, ou se vai ser natural. O Botafogo fez um sintético espetacular."

LUÍS CASTRO, ex-técnico do Botafogo

"O Nilton Santos tinha gramado horrível. Não tivemos hipótese de colocar um gramado natural bom, que é aquilo que defendo, então é melhor artificial bom do que um mau gramado. Têm sido muito melhores os espetáculos, para nós e para o nosso adversário."

ZICO, ex-jogador do Flamengo e da seleção brasileira

"Não gosto, acho que campo sintético é uma pelada, um chopp. É para você baixar seus custos no centro de treinamento, nas escolinhas, mas em uma competição, nenhum lugar do mundo de grandes países do futebol usa."

ABEL FERREIRA, técnico do Palmeiras

"Se é para ter gramados como o Palmeiras tinha antes, que era fraco, metam os sintéticos. Para se jogar um bom futebol é preciso ter bons jogadores, e o Brasil tem. É preciso agora ter todo o resto."

RENATO GAÚCHO, técnico do Grêmio

"A gota d'água para a lesão do Bitello, assim como de dores musculares em outros jogadores, foi a grama sintética do Palmeiras. Aumentou a dor dele."

MÁRIO BITTENCOURT, presidente do Fluminense, ao SporTV

"Flamengo e Fluminense são contra a instalação de um gramado sintético no Maracanã porque em nenhuma grande liga do mundo, inclusive na Copa do Mundo, é permitido. No Brasil, está virando moda porque querem transformar os estádios em arenas de shows."

MARCOS BRAZ, vice de futebol do Flamengo

"O gramado do Flamengo nunca será muito bom, e por um simples fato: o número de jogos do Maracanã. Em nenhum lugar do mundo o gramado suporta esse número de jogos. (...) A única solução seria colocar sintético, o que é um absurdo. Somos contra gramados sintéticos, é outro esporte."

giado" e por priorizar a saúde dos atletas. Ele lembra que quatro jogadores tricolores (Ferraresi, Galoppo, Rafinha e Welington) se machucaram no Allianz Parque só em 2023 e alfineta o rival e a construtora que administra o estádio. "Foi interessante para a WTorre fazer o sintético, porque para ela o Allianz é uma casa de shows e o Palmeiras é um inquilino. O Pacaembu também vai virar sintético porque a nova concessionária quer fazer eventos, não partidas de futebol", diz Castro, que anteriormente geriu o estádio municipal. No Brasil, a maioria dos estádios tem gramado do tipo bermuda, com folhas mais estreitas, em tom de verde intenso e de rápida recuperação. Mas o palco favorito de nove entre dez boleiros é mesmo a Neo Química Arena, do Corinthians, a única a utilizar a tecnologia ryegrass, uma espécie de grama de inverno usada por gigantes europeus. Para manter impecável o seu piso híbrido (é composto por 93% de grama natural entrelaçada a 7% de grama sintética), o Timão investe em um sistema que insufla ar e água para resfriar o solo, inclusive no verão.

PLACAR visitou outro gramado artificial, o do Bruno José Daniel, casa do Santo André, clube que disputa a Série D do Brasileirão e a Copa Paulista. A prefeitura local investiu 3,7 milhões de reais no novo gramado junto à empresa Soccer Grass, a mesma do Allianz. O piso mais duro, no entanto, não deixa dúvidas: a tecnologia, embora aprovada pela Fifa, é inferior à dos campos da Série A, que são bem mais fofos. A manutenção é feita duas vezes ao mês, por uma máquina de escovação mecânica que "penteia" as fibras, ao custo de 15 000 reais. "É bem mais simples e barato, não exige um cuidado diário, corte, profissionais especializados. Entendo que esse é o futuro para clubes dito menores e até para grandes que queiram ter arenas multiuso", diz o executivo de futebol do Ramalhão, Marco Gama.

Márcio Griggio, ex-jogador e atual

O técnico Márcio Griggio orienta jovens do Santo André B no sintético do Bruno José Daniel

ALEXANDRE BATTIBUGLI

técnico do time B do Santo André, engrossa o coro dos defensores do tapetinho. "Um gramado natural ruim é pior porque cai a qualidade. O jogo perde intensidade, posse de bola. No sintético, a bola não muda de direção", diz. "Eu aprovo, pois o risco de lesão também existe em gramados naturais irregulares." Thales Henrique de Sousa, o chefe da fisioterapia do Ramalhão, conta que a plena adaptação dos atletas leva até 20 dias: "O impacto é bem maior, então as tendinites são comuns no início". Desde a inauguração, em janeiro de 2022, quatro atletas do Santo André já lesionaram gravemente o joelho. "Faltam dados para termos um bom estudo, mas é verdade que tivemos uma incidência maior aqui", admite. Eis um ponto crucial: o que diz a ciência?

Boa parte dos estudos se referem a partidas da NFL, a principal liga de futebol americano. O relatório oficial de lesões entre 2012 e 2018 apontou incidência maior de contusões de joelho (32%) e tornozelo (69%) em campos artificiais. No entanto, pesquisas em campos de futebol apontaram taxas semelhantes ou até um risco ligeiramente maior em campos naturais. Julio Serrão, coordenador do Laboratório de Biomecânica da Escola de Educação Física e Esporte da USP, avalia que os resultados das pesquisas são controversos pois há diferentes tipos de grama, tanto naturais quanto artificiais. "Isso tem a ver com preparo físico, com a vivência e com o histórico de cada atleta. Quem está mais adaptado ao gramado sintético, ou seja, o time da casa, tende a reagir melhor a ele", diz. "Os estudos recentes e antigos, em síntese, revelam o mesmo: os atletas respondem de maneiras diferentes aos distintos tipos de piso. A questão é menos dramática do que se imagina." A morte por câncer no cérebro de seis ex-jogadores do Philadelphia Phillies, equipe de beisebol que atua em gramado artificial desde os anos 1970, ganhou manchetes e levantou suspeitas sobre os efeitos de produtos químicos usados nesse tipo de piso, mas oncologistas garantem ser prematuro traçar qualquer tipo de paralelo.

Joaquim Grava, histórico ortopedista do Corinthians, confirma que não há consenso entre os pares, mas admite reclamações. "Não são todos, mas há jogadores com problemas preexistentes, como de cartilagem do joelho, que relatam mais

NA PONTA DO LÁPIS

Por que a questão econômica é fundamental no debate sobre gramados

Nilton Santos

ARTIFICIAL

ATÉ R$ 10 MILHÕES
Custa a instalação de um gramado como o do Nilton Santos. O Botafogo espera obter lucro de R$ 12 milhões por ano com a realização de shows

R$ 25 mil
É o custo de manutenção mensal do Allianz Parque, segundo a WTorre. Com gramado natural, o valor chegava a 85 000, além de 100 000 de gasto com iluminação para preservação do piso

10 a 15 anos
É a média de vida útil de um gramado artificial, segundo a Soccer Grass. A empresa diz que investimento "se paga" em até quatro anos

Fonte Nova

NATURAL

R$ 40 mil
É o custo mensal de manutenção do estádio do Morumbi. O Tricolor pagou cerca de 600 000 reais pela instalação do piso, que deve ser trocado de duas a três vezes ao ano

2 a 3 dias
É o que leva, em média, para que um gramado natural de ótima qualidade seja instalado no Brasil, segundo a Itograss. O campo já pode ser usado no dia seguinte

31 jogos
Foram realizados no estádio do Manchester City, o melhor time da Europa, na última temporada. O Maracanã deve receber o triplo de partidas em 2023

O QUE A FIFA DIZ

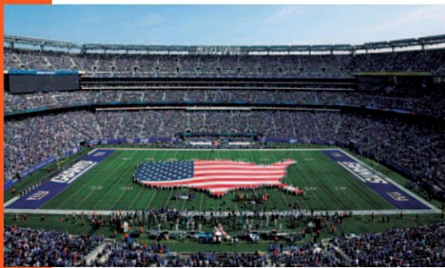
Apesar de conceder às confederações e ligas nacionais a prerrogativa de vetar os campos sintéticos, a Fifa autoriza seu uso em competições oficiais desde 2001. Primeiro, os pisos são testados em laboratórios credenciados e precisam seguir os critérios que envolvem a segurança do atleta, amortecimento, durabilidade do campo e composição do produto, para depois receber um dos selos de qualidade: Fifa Quality, aos campos amadores, e Fifa Quality Pro, aos profissionais. As inspeções nas arenas homologadas são feitas anualmente. A entidade, no entanto, proíbe gramados artificiais no maior dos eventos, a Copa do Mundo, o que obrigará que oito estádios da edição de 2026 (metade do total) sejam reformados. Sete deles são nos EUA, incluindo o Metlife Stadium, em Nova Jérsei, candidato a sediar a final, e um no Canadá.

dores nos sintéticos." Outro ponto relevante diz respeito aos calçados. As chuteiras usadas por profissionais em campos sintéticos são, via de regra, as mesmas utilizadas em pisos naturais – ou seja, de cravo mais alto, diferente das travas fininhas consagradas em campos amadores. "Até pelo fato de irrigarmos bastante o gramado, a chuteira society acaba escorregando, enquanto a de campo não prende tanto", diz Thales, fisioterapeuta do Santo André. Mas há um tipo indesejado de trava, a chamada dente de tubarão, em formato semelhante a uma seta. "Todas as lesões que tivemos foram com esse modelo", lamenta o profissional. "Essa trava eu não recomendo em gramado algum, pois o atleta não consegue girar o suficiente e pode prender o pé no gramado", complementa Grava.

> **"Não são todos, mas há jogadores com problemas preexistentes, como de cartilagem do joelho, que relatam mais dores nesse tipo de gramado", diz Joaquim Grava**

O debate não é novo. Na realidade, chega ao Brasil com atraso, e os exemplos do exterior talvez ajudem a apontar caminhos. Para desafiar o clima hostil e se consolidar como a melhor liga do planeta, já há décadas a Premier League extinguiu seus conhecidos campos de lama e passou a exigir gramados impecáveis. O projeto mais deslumbrante é o do Tottenham Hotspur Stadium, que conta com um terreno natural retrátil e outro sintético, que fica guardado em um piso inferior. Engenhoca semelhante já é usada pelo Schalke 04, da Alemanha, e uma ainda mais faraônica será instalada no remodelado Santiago Bernabéu para que o Real Madrid possa receber feiras e até partidas de basquete e futebol americano. O luxo é opcional, mas a presença de grama de verdade é mandatória.

As grandes ligas europeias proíbem o uso de sintéticos, ao menos nas primeiras divisões. França e Portugal – que já interditou campos naturais impraticáveis, como o Estádio do Bessa, do Boavista – chegaram a testar o terreno, mas voltaram atrás diante da gritaria geral. O caso mais recente ocorreu nos Países Baixos. Clubes pequenos justificavam a adoção dos campos de borracha por falta de condições financeiras de manter um bom gramado real em meio ao clima holandês. Ídolos locais como Dirk Kuyt e Ruud Gullit, no entanto, lideraram protestos que culminaram na proibição a partir de 2025. Os clubes grandes como Ajax, PSV e Feyenoord concordaram em colaborar com um fundo para ajudar os pequenos a manterem seus gramados.

Até mesmo os Estados Unidos, inventores das réplicas de gramado – o primeiro campo do tipo foi usado no Astrodome, em Houston, em 1965 –, já cogitam mudanças. Recentemente, o site Sportico noticiou que Lionel Messi não deve atuar pelo Inter Miami nos seis estádios de grama artificial da Major League Soccer. Anos atrás, Zlatan Ibrahimovic, o marrento craque sueco, então atuando pelo Los Angeles Galaxy, avisou que só se colocaria "em risco" em jogos dos playoffs. A presença de Messi e a exigência da Fifa visando a Copa de 2026 (leia no quadro ao lado) podem antecipar o fim dos sintéticos por lá. No Brasil, a discussão parece estar apenas começando. ■

METLIFE

Metlife Stadium, em Nova Jérsey, pode receber a próxima final da Copa, mas terá de trocar o gramado artificial por natural

AGORA É MATA-MATA!

OITAVAS DA LIBERTA E DA SULA AGITAM O FUTEBOL BRASILEIRO, NESTE SEGUNDO SEMESTRE. CONFIRA A ANÁLISE DA BET DOS BRASILEIROS E PROFETIZE.

Quando o calendário do futebol nacional de 2023 abriu as portas para as participações dos times brasileiros nas duas maiores competições internacionais do ano, expectativas foram criadas com sucesso. Afinal, alguns dos nossos clubes vêm dominando a América nos últimos anos, e nada mais natural do que profetizar na manutenção desse protagonismo, não é mesmo? Fechado o primeiro semestre, no entanto, muitas águas já rolaram, e se você ainda não profetizou nos jogos das Copas Libertadores e Sul-Americana, a hora é agora. Neste informe, a Betnacional dá uma geral nos confrontos envolvendo os times brasileiros nas oitavas-de-final das duas competições, para ajudar você a mandar suas melhores profecias. E aí, quem avança para as quartas? Quem tem mais chances de balançar as redes? Vamos profetizar juntos?

LIBERTADORES. UM SONHO QUE SE RENOVA A CADA ANO.

A maior competição das Américas chega às oitavas carregada de esperanças para as torcidas brasileiras e com duelos de tirar o fôlego. O primeiro deles é entre dois gigantes: Atlético-MG X Palmeiras. Depois de carimbar o passaporte na última rodada, empatando com o Libertad em pleno Defensores del Chaco, o Galo encerrou a primeira fase em segundo lugar do Grupo G. Já o Verdão passou pro mata-mata vencendo o Barcelona de Guayaquil por 4x2, ainda na quinta rodada, encerrando a primeira fase líder do Grupo C com 15 pontos e o melhor ataque da competição com 16 gols, após mais uma goleada por 4x0, contra o Bolívar. Em campo, além da rivalidade histórica, vamos ver também um embate à parte pela liderança da artilharia. E aí, Profetas, o atleticano Paulinho (7 gols) vai se manter no topo ou será alcançado pelo palmeirense Artur (5 gols)?

Embalado com a liderança do Grupo G, o Athletico-PR é mais um forte candidato a avançar para as quartas. O Furacão vai encarar o Bolívar - segundo do Grupo C. E com o craque Victor Roque - artilheiro do time com 3 gols, em campo, que tal profetizar que não vai ter placar em branco?

Agora, mais um grande clássico entre ex-campeões: Internacional, invicto e líder do Grupo B, versus River Plate, segundo do D. São nada menos do que 6 títulos continentais, nesse jogaço, hein? Prato cheio para profecias.

Primeiro no Grupo D, o campeão Carioca Fluminense, do craque André, chega como favorito nas profecias contra o Argentinos Juniors, segundo do Grupo E. O vice artilheiro Cano também é uma esperança para quem tá ligado nos mercados de número de gols e abertura de placar. Boas chances de profecias na área.

Para fechar, o Flamengo, atual campeão do torneio, carimbou sua vaga para as oitavas como segundo do Grupo A. Agora o Mengão pega o invicto Olimpia do Paraguai, com muitas promessas de profecias. Pedro é o artilheiro do time com 3 gols e vem com sede de cumprir profecias. E você, arrisca alguma?

QUE "PRIMA POBRE" QUE NADA! A SUL-AMERICANA TAMBÉM TEM VAGA NO CORAÇÃO DA GALERA.

Segunda competição mais prestigiada do continente, a Copa Sul-Americana 2023 também chega às oitavas-de-final sacudindo a torcida brasileira. Seis times da Série A estão na disputa, sendo três deles oriundos dos playoffs, que traz os times repescados da Libertadores, e outros três classificados direto. Prepare-se para muitas profecias.

Depois de golear o Colo-Colo nos playoffs por 5x1, o América-MG encara o Red Bull Bragantino, primeiro do Grupo C, que também vem de uma super goleada (7x1 no Tacuary). E aí, profecias de muitos gols à vista?

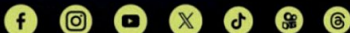
E o Botafogo? Depois da decepção no carioca, o time da estrela solitária embalou na liderança do Brasileirão e seguiu forte também na Sula. O Fogão concluiu a primeira fase na vice-liderança do Grupo A e eliminou o Patronato da Argentina com tranquilidade nos playoffs. Agora encara os paraguaios do Guaraní. Tiquinho Soares é sempre uma bela dica de profecias, hein? O cara já meteu 2, assim como o meia Eduardo.

Alerta de jogão profético: o São Paulo encara o San Lorenzo, da Argentina. Ou seja, duas grandes forças que já conquistaram o continente em rota de colisão por uma vaga nas quartas-de-final. O Tricolor Paulista terminou a fase de grupos invicto, na liderança do Grupo D. Já o time de coração do Papa Francisco foi salvo por um verdadeiro milagre no saldo de gols e assim se classificou em segundo lugar no Grupo H. Atenção às odds desse jogaço, que promete as maiores profecias.

E atenção, Profetas, se liguem nesse jogão de bola: Goiás X Estudiantes. Uma parada duríssima que os Esmeraldinos vão encarar, com muitas possibilidades de profecias.

E o Timão? Também tem um time argentino no meio do caminho, e é ninguém menos que o Newell 's Old Boys. Será que o "Pofexô Luxa" tá armando uma arapuca para o time de Messi e Maradona? Vale profetizar nesse jogo, hein?

Outro brasileiro que merece uma atenção especial por toda a sua trajetória desde a fase de pré-libertadores é o Fortaleza. Classificado para as oitavas da Sula em primeiro colocado no Grupo H, o Laion encara o Libertad do Paraguai, que eliminou o Tigre nos playoffs, visando uma participação histórica e profética na competição.

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

ALEXANDRE BATTIBUGLI

RENATO PIZZUTTO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

AUREMAR DE CASTRO

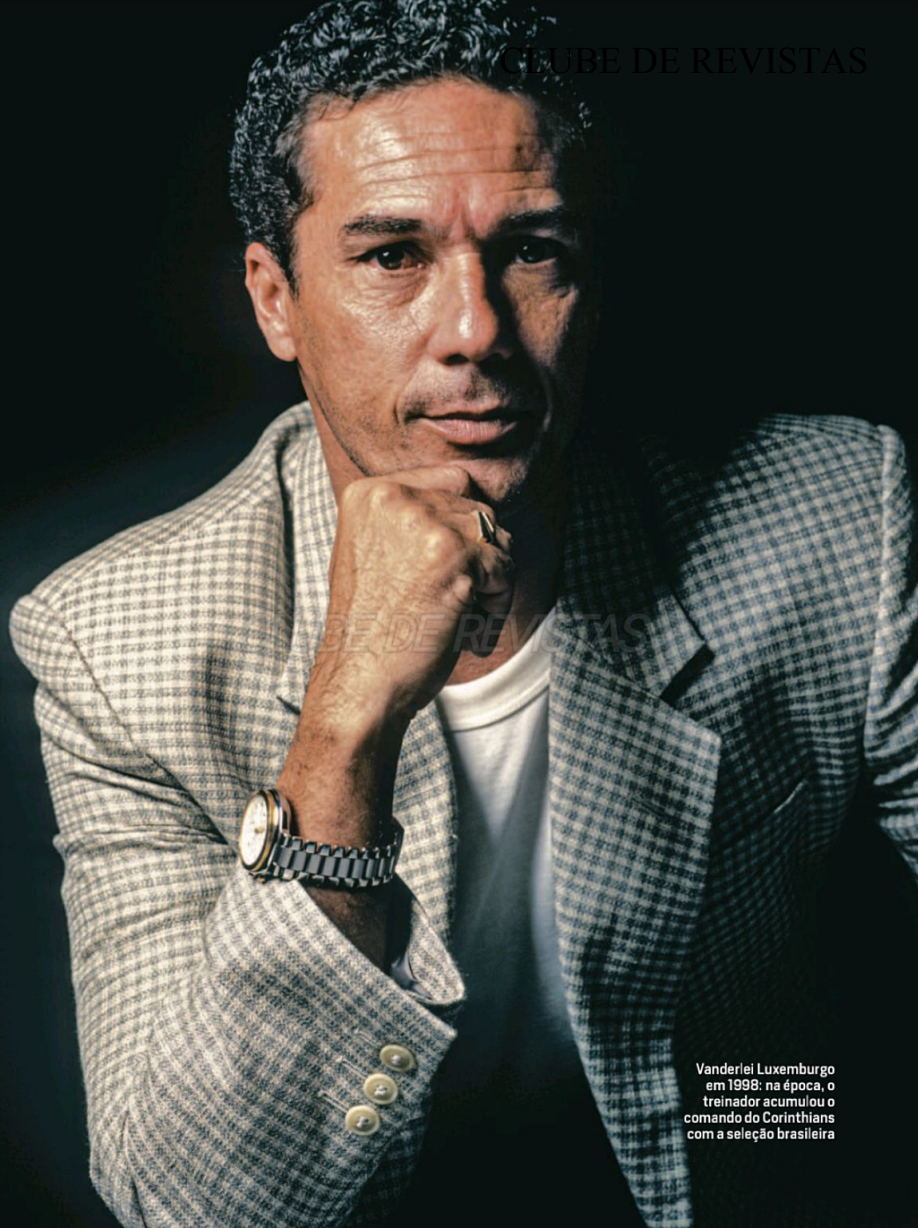
JORNADA DUPLA

Fernando Diniz é o 14º treinador a se dividir entre um clube e a seleção brasileira – mas a última vez que isso aconteceu foi há mais de duas décadas

O anúncio de que Fernando Diniz será técnico da seleção brasileira (até a prometida chegada de Carlo Ancelotti, no ano que vem) mobilizou jornalistas e torcedores em julho, já que o treinador seguirá comandando o Fluminense, ou seja, terá de se dividir entre o clube das Laranjeiras e a CBF. De fato, fazia tempo que isso não acontecia por aqui. A experiência mais recente de ter um mesmo comandante do escrete canarinho e de um time ocorreu em 2000 – mas foi por um breve período. Entre 19 de outubro e 3 de dezembro, Emerson Leão dividiu-se entre o Sport e o escrete canarinho. Com a eliminação do rubro-negro pernambucano para o Grêmio, nas quartas de final do Brasileiro daquele ano, o ex-goleiro passou a se dedicar exclusivamente ao esquadrão nacional (só que sua passagem foi breve, apenas dez jogos).

Leão chegou para substituir outro técnico que havia sido convocado exatamente na mesma situação. Em agosto de 1998, logo após a derrota para a França na final da Copa, a CBF anunciou que Vanderlei Luxemburgo substituiria Zagallo. Na época, Luxa era técnico do Corinthians e essa situação perdurou até o fim daquele ano. Outros onze treinadores também fizeram essa dupla jornada. Nos anos 1930, Luís Vinhaes estreou essa modalidade, liderando o Brasil e o Fluminense ao mesmo tempo. A lista inclui Zezé Moreira, Sylvio Pirillo, Oswaldo "Foguinho" Rolla, Filpo Núñez, Oswaldo Brandão, Aymoré Moreira, Antoninho, Yustrich, Zagallo e Cláudio Coutinho.

Há 25 anos, quando Luxemburgo foi chamado para encarar esse desafio, PLACAR publicou uma reportagem e uma entrevista com o então técnico corintiano. Curiosamente, o fato de ele se dividir entre clube e seleção não tem destaque no texto. Mas, sim, uma pergunta específica sobre a possível convocação de atletas do Timão foi feita. Na época, a maior preocupação era saber se Luxa quebraria uma maldição: até então, nenhum treinador tinha assumido a seleção quatro anos antes da Copa seguinte, disputado as Eliminatórias e permanecido no cargo. De fato, não deu certo. Como já foi dito no início deste texto, Luxa caiu em 2000 e deu lugar a Leão, que também ficou pelo caminho (Felipão assumiu o cargo em 2001 e levou o Brasil ao penta). Quanto à referida maldição, Dunga conseguiu superá-la: começou em agosto de 2006 e ficou até o Mundial da África do Sul, em 2010.

MARCELO SOUBHIA

Vanderlei Luxemburgo em 1998: na época, o treinador acumulou o comando do Corinthians com a seleção brasileira

ELE CHEGA ATÉ 2002?

NA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO, NUNCA UM TREINADOR QUE ASSUMIU A SELEÇÃO QUATRO ANOS ANTES DO MUNDIAL E TEVE QUE DISPUTAR AS ELIMINATÓRIAS FOI MANTIDO NO CARGO

Luis Estevam Pereira e Sérgio Xavier Filho

Copa de 1958. O técnico da seleção brasileira, Oswaldo Brandão, vence as Eliminatórias e classifica o Brasil. Mas quem acaba embarcando para o Mundial da Suécia como treinador é Vicente Feola. Em 1969, João Saldanha vence todos os jogos classificatórios, só que acaba substituído por Zagallo pouco antes da Copa do México. Para a Copa de 1986, o técnico seria Evaristo de Macedo. Não chega nem às Eliminatórias, vencidas por seu substituto, Telê Santana. Carlos Alberto Silva tinha tudo para dirigir o Brasil na Copa da Itália. O técnico permanece no cargo em 1987 e 1988 e Sebastião Lazaroni assume em 1989. A Copa seguinte estava reservada para um nome de consenso: Paulo Roberto Falcão, dono de ideias que representavam a modernidade no esporte. Falcão vira o treinador logo depois do fracasso na Itália e só dura um ano. Em resumo: nunca um técnico que assumiu a seleção brasileira quatro anos antes sobreviveu à pedreira das Eliminatórias e chegou ao Mundial. Se você pensou em Zagallo, pode esquecer. O Velho Lobo dos gramados teve quatro anos para trabalhar em 1974 e 1998, é verdade. Só que ele não precisou passar pelas Eliminatórias porque nas Copas anteriores o Brasil havia sido campeão mundial. Apresentado no dia 11 de agosto pela CBF como o sucessor de Zagallo, Vanderlei Luxemburgo da Silva, 46 anos, tentará quebrar essa maldição e chegar à Copa de 2002.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

No caminho para 2002, a CBF enxergava três desafios: a Copa das Confederações, a Copa América e o Pré-Olímpico

"Enquanto eu for presidente da CBF, o Luxemburgo não será técnico da seleção", chegou a confidenciar o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, numa roda de amigos durante o Mundial da França. A reviravolta teria ocorrido por causa da pressão da opinião pública. Nas semanas que antecederam a escolha, o instituto de pesquisa Data-Folha divulgou os resultados de uma enquete nacional que davam 69% de preferência dos torcedores por Luxemburgo. Na Rede Globo, o locutor Galvão Bueno não parava de enaltecer as qualidades do treinador. Dirigentes que privam da intimidade de Teixeira garantem que Luxemburgo passará por três testes antes das Eliminatórias, com início marcado para o ano 2000. O primeiro é a Copa das Confederações, que será disputada no México em janeiro de 1999, na qual o Brasil poderá enfrentar a atual campeã do mundo, a França. O segundo é a Copa América, no Paraguai, em meados do próximo ano. O terceiro e último teste é o pré-Olímpico, em janeiro de 2000, no Brasil. Se Luxemburgo fracassar, o nome de Paulo César Carpegiani seria o mais cotado para sucedê-lo. A seu favor pesa a experiência em Eliminatórias, já que classificou o Paraguai para a Copa da França.

A tarefa do novo treinador encontra outros complicadores. O maior deles reside na defesa da seleção. O goleiro Taffarel fez sua última Copa, assim como o zagueiro Aldair. O becão Júnior Baiano foi um desastre na Fran-

ça. A seleção também não poderá mais contar com a liderança de Dunga. Se depender do currículo, Luxemburgo tem cacife para reverter o quadro e comandar o Brasil na Copa da Japeia (Japão e Coreia). Com um time mediano, como o Bragantino do final dos anos 1980, conseguiu um título brasileiro da Série B e um Paulista. Com um timaço como o Palmeiras da Era Parmalat, papou três estaduais e dois Brasileiros. Hoje, faz a equipe do Corinthians dar show no Brasileirão 1998, fato que não ocorria desde que Sócrates deixou o clube, há treze anos. O que não fará dispondo dos melhores jogadores do mundo? Os inimigos alfinetam: Luxemburgo fracassou em competições internacionais (uma Supercopa e duas Libertadores). Mas o principal valor que Luxemburgo quer – como ele mesmo gosta de dizer – "agregar" à seleção é uma gestão profissional. Acaba a ação entre amigos, a improvisação, a falta de comando. Para tanto, Luxemburgo anunciou uma Comissão Técnica vitaminada que contará, a princípio, com dezenove profissionais: um auxiliar técnico, um coordenador geral, dois assistentes técnicos, um conselheiro técnico, um preparador físico, dois auxiliares de preparação física, um fisioterapeuta, um fisiologista, dois médicos, um psicólogo, uma assistente social, dois massagistas e dois roupeiros, além do treinador, é claro. Na Copa da França, a Comissão tinha treze pessoas.

Alguns críticos acreditam que uma Comissão Técnica numerosa pode atrapalhar um técnico tão centralizador como Luxemburgo. Mas tal fama parece não corresponder à verdade. "Ele é voltado para resultados", assegura a psicóloga Suzy Fleury, que trabalha com Luxemburgo desde 1993. "Se tiver que brigar, ele briga, mas se tiver que ceder, ele cede." Suzy lembra um caso exemplar. No ano passado, quando ainda dirigia o Santos, Luxemburgo estava disposto a colocar no banco o meia Caíco (hoje no Athletico Paranaense). Suzy argumentou que, de acordo com testes psicológicos, o jogador precisava só de apoio moral para começar a render. O treinador ficou na dúvida. Os outros membros da Comissão Técnica santista apoiaram a manutenção de Caíco entre os titulares. O técnico aceitou a opinião geral. No jogo seguinte, o meia até marcou gol. Segundo Suzy, jogadores como Caíco, e mesmo como Rivaldo, sempre precisam de reconhecimento para atuar bem. São os "atletas-balão". Na Olimpíada de Atlanta, Zagallo se referiu a Rivaldo como "nervoso, encabulado, acabrunhado, inseguro, instável". Rivaldo murchou e o Brasil murchou com ele.

A psicologia é uma velha aliada. Na primeira partida da final do Paulista de 1993, por exemplo, o Corinthians venceu o Palmeiras por 1 a 0 e Viola comemorou o gol imitando um porco. O treinador palmeirense Luxemburgo preparou um vídeo de 17 minutos mostrando jogadores e torcedores do Corinthians em atitudes agressivas. A fita também exibia os palmeirenses marcando gols. Tudo permeado com a imagem do suíno de Viola. O Palmeiras venceu o Corinthians por 3 a 0 no tempo normal e 1 a 0 na prorrogação. Fora o baile. "Quando Vanderlei senta na bola no meio do campo, perto de um jogador, pode escrever que está dando dura", diz um profissional que trabalha com o técnico. Há uma constelação de craques que sentaram pertinho de Luxemburgo: Edmundo, Roberto Carlos, Luizão, Edílson, Marcelinho Carioca. Por pior que tenha sido o desentendimento, justiça seja feita, o treinador jamais descartou um craque. Edmundo, por exemplo. Luxemburgo

Um novo olhar: o técnico dizia querer "agregar" à seleção uma gestão profissional

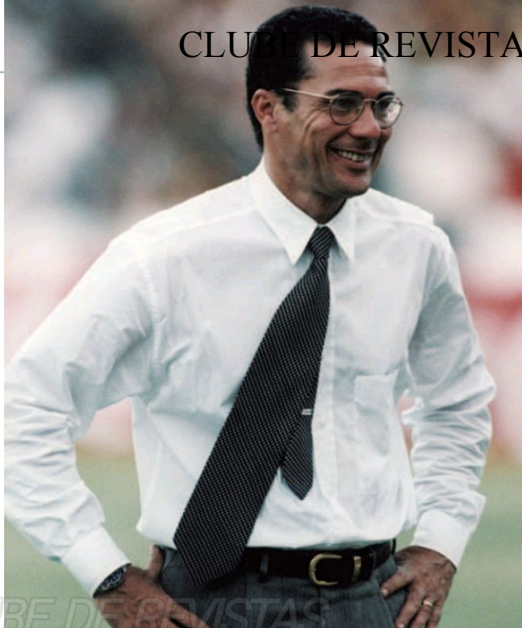
RICARDO CORRÊA

chegou a chamar o Animal para resolver as desavenças no braço. Nem por isso deixou de escalá-lo no time titular.

Lançado por Zagallo na lateral do Flamengo em 1972, Luxemburgo permaneceu no seu clube de coração até 1978, sempre no banco. Naquele tempo, o salário de reserva do Flamengo mal dava para sustentar a família, o que fez do futuro técnico da seleção um especialista em se virar. Ex-office-boy, engraxate, sorveteiro, Luxemburgo quase se realizou como vendedor de automóveis. "Ele entende tudo de carro, se o motor está com problema, se é batido", diz o amigo Robério de Ogum. No tempo em que era treinador do Bragantino, vendia carros para os seus jogadores. O lateral Biro-Biro comprou de Luxemburgo um automóvel com o motor fundido. "Não teve problema porque troquei o carro", diz o técnico.

Seguiria com sua loja de carros usados não tivesse recebido o convite, numa fila de banco, para trabalhar com o técnico Antônio Lopes, então dirigindo o Olaria. Aí começou a carreira do treinador Luxemburgo. "Como eu dou ênfase à disciplina, ele se identificou comigo", diz Lopes, treinador do Vasco. Cioso da sua imagem, Vanderlei Luxemburgo também é cuidadoso com tudo o que envolve o seu trabalho. Na construção do Centro de Treinamento do Corinthians, o técnico foi alertado de que estavam colocando um piso vagabundo na sala de musculação e na sala dos médicos. O treinador chamou o engenheiro e pediu que trocasse o revestimento. Em vez do emborrachado baratinho, ele pediu um piso com sistema de amortecimento. A fama de disciplinador acompanha a de encrenqueiro. Apesar de pregar a chamada inteligência emocional, no Brasileiro do ano passado Luxemburgo pegou uma suspensão de 50 dias por xingar o juiz Cláudio Vinícius Cerdeira num jogo do Santos. "Hoje, sou um homem diferente daquele que brigou com o Cerdeira", garante o treinador. ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Esperança de vitórias: "Se não tiver espírito de grupo, pode até ser cortado"

"EU CHEGAREI LÁ"

EM ENTREVISTA, O ENTÃO NOVO TREINADOR NÃO HESITOU QUANDO QUESTIONADO SOBRE A DIFICULDADE DE PASSAR PELAS ELIMINATÓRIAS E CONTINUAR ATÉ A COPA DE 2002

Como será o trabalho de renovação da seleção brasileira? A base da Copa da França será mantida. Denilson, Ronaldinho, Rivaldo, Doriva são jovens e podem jogar em 2002. Mas já não poderemos contar com Aldair, Dunga e Taffarel.

Uma grande geração de zagueiros, com Aldair, Júlio César, Ricardo Rocha, está chegando ao fim. Como o senhor vai montar o seu miolo de zaga? É, temos problemas setorizados. Na lateral direita, por exemplo, só há um grande jogador (Cafu). Precisaremos formar outros, talvez improvisar.

Nas últimas Copas, ganharam as seleções com as defesas mais sólidas. Esse é o caminho para o Brasil? Tudo fica mais difícil quando o seu time toma um gol de cara. Dá para ser ofensivo sem ser vulnerável. Já montei grandes times – desculpem a falta de modéstia –, como o Palmeiras de 1996, que tinha

a melhor defesa e o ataque mais ofensivo. Só que o Rivaldo voltava para marcar, o Müller combatia...

Dunga foi fundamental nas últimas duas Copas. O senhor vê algum sucessor para liderar o time? O líder aflorará naturalmente. Na verdade, um time precisa de mais do que um único líder. E há diversos tipos de liderança. Tem o que se impõe por falar grosso, gritar. Aquele que joga muito também é respeitado por todos. O Cléber (zagueiro do Palmeiras) é um líder, embora não fale nada. Quando abre a boca, todos prestam atenção.

Seu antecessor, Zagallo, dizia que os jogadores se sentiam inibidos na presença do treinador da seleção nos estádios. O que o senhor acha disso? Se o jogador se inibir porque eu estou assistindo à partida, ele não serve para a seleção. Se estivesse sendo observado, daria até cabeçada em poste.

O senhor costuma ouvir os jogadores antes de montar a equipe? Claro. Já mudei várias vezes a equipe em função da opinião dos jogadores. Algumas vezes, disse para o grupo: "Olha, hoje quem pisou na bola fui eu". Não sou o rei da cocada. Cobro muito e preciso admitir quando erro.

Quem são os jogadores mais inteligentes que já trabalharam com o senhor? O Zinho é muito inteligente taticamente. No Corinthians, tem o Rincón.

Levir Culpi, técnico do Cruzeiro, tentou fazer o seu time jogar no 3-5-2 e não conseguiu. A seleção pode jogar num esquema diferente do batidíssimo 4-4-2? Esquema se arma em função dos jogadores. É difícil fazer o brasileiro jogar assim. Na Alemanha, desde o infantil os jogadores vão se adaptando aos três zagueiros. No Brasil, nenhum time de juniores joga no 3-5-2. E digo mais: nenhum time no mundo joga no 3-5-2. Na realidade, os laterais voltam quando o outro time está atacando e todo mundo se defende em um 5-3-2.

Qual é o seu esquema preferido? Não interessa o esquema, mas a versatilidade para mudar a equipe durante a partida, sem precisar trocar os jogadores. O zagueiro se transforma em volante, o meia vira atacante.

A seleção não terá pouco tempo para treinar? É difícil trabalhar assim porque muitos jogadores chegam arrebentados. Zagallo preferia um dois-toques recreativo por isso. O tempo é curto, mas vou introduzir 20 minutos de parte tática a cada encontro. Com a repetição, o jogador vai assimilando. Trabalho tático é chato, é muita repetição, mas não vou abrir mão disso.

O jogador Müller ainda tem chance na seleção? Não tenho um critério com relação à idade. O que vale é o momento. Se na hora da convocação eu não tiver um jogador mais jovem para determinada função, chamo o Müller. Mesmo que não seja convocado agora, ele pode ser chamado para a próxima Copa. Não vejo problema em contar com um jogador de 35 ou 36 anos em boa forma para uma competição de seis ou sete partidas.

Como o senhor pretende lidar com os "convocáveis" do Corinthians? Se o jogador tiver uma queda de rendimento no clube porque não foi chamado, ele estará provando que não é homem de seleção. Ele precisa entender a diferença entre o técnico do clube e o da seleção. Combinei com o Ricardo Teixeira que chamarei dez jogadores do Corinthians se achar necessário.

Como o torcedor Vanderlei Luxemburgo se sentiu ao ver Ronaldinho cambaleando na final da Copa? Será que o leitor de PLACAR consegue desvincular o treinador do torcedor Luxemburgo?

Ora, se o senhor acha que o jogador do Corinthians consegue desvincular o técnico da seleção do técnico do Corinthians, por que o leitor não separaria o torcedor do treinador? (risos) Olha, não estava lá no vestiário na França. No dia da final, estava concentrado com o Corinthians no interior de São Paulo. Foi uma sensação ruim perder a Copa.

Giovanni, que naufragou na Copa da França, pode ser recuperado? Claro. Ele chegou à seleção por sua qualidade. Ele precisa de uma abordagem psicológica, um trabalho de cabeça. O treinador entra com a prática, e o psicólogo, com a sustentação emocional.

Quando o senhor deixou de chamar o Romário de "traíra"? Quando ele me ligou para que eu voltasse a treinar o Flamengo. Ele reconheceu que havia extrapolado (Romário liderou um boicote a Luxemburgo entre os jogadores do Flamengo em 1995).

Como o senhor reagiria se um reserva da seleção desse uma entrevista dizendo que está em melhor forma que o titular? Se não tiver espírito de grupo, pode até ser cortado.

Numa entrevista a PLACAR, no ano passado, o senhor disse que usava ternos durante as partidas porque as empresas não pagavam nada para o treinador vestir agasalho com a sua logomarca. O senhor está aberto a propostas da Nike? Não. O terno está bem identificado comigo. O dinheiro não vai me comprar.

Se chegar à Copa de 2002, o senhor será o primeiro técnico a assumir a seleção quatro anos antes de uma Copa, disputar Eliminatórias e jogar o Mundial. Como encara esse desafio? O "se" é uma suposição. Prefiro dizer que eu chegarei lá.

MEMÓRIAS DE UMA BOLEIRA

Em 2007, PLACAR publicou um depoimento em primeira pessoa de uma jovem funcionária da própria revista que também disputava o Paulistão feminino de futebol

Hoje celebramos a maior Copa do Mundo feminina de todos os tempos, disputada na Austrália e na Nova Zelândia com 32 países participantes, recorde de público nos estádios e de espectadores na televisão. Mas há apenas dezesseis anos a realidade da modalidade era muito diferente. Em agosto de 2007, apenas um mês antes da realização do quarto Mundial de seleções, na China, PLACAR publicou um texto em primeira pessoa contando como era ser jogadora no Brasil.

"Confissões de uma lateral" foi o título dado ao depoimento de Maíra Prioli, que atuava pela ala direita do Mackenzie São Caetano no Campeonato Paulista. A jovem, de 26 anos, trabalhava na época na equipe de marketing da revista. "Ela é a responsável por uma das melhores reportagens desta edição", escreveu na época o diretor de redação, Sérgio Xavier Filho. Lido atualmente, o texto tem (felizmente) um tom levemente engraçado e preconceituoso. Felizmente porque o futebol feminino cresce cada vez mais no Brasil e as piadas com as mulheres boleiras perderam vez já há um bom tempo. Fique aqui com essa divertida viagem no tempo.

CONFISSÕES DE UMA LATERAL

MAÍRA, 26 ANOS, JOGADORA DO MACKENZIE/SÃO CAETANO, LEVA VOCÊ AO UNIVERSO DO FUTEBOL FEMININO

Texto: Maíra Prioli / Fotos: Renato Pizzutto

"Este ano o futebol feminino vai mudar." É sempre assim que começa o discurso de abertura do Campeonato Paulista na federação. Tenho 26 anos, jogo desde que aprendi a andar e ouço essa conversa dos cartolas há pelo menos quatro anos, o tempo que disputo o torneio. A mudança no futebol feminino de fato vem ocorrendo, mas a duras penas e com trabalho de formiguinha. Para falar a verdade, taí algo que nunca entendi: a grande distinção do futebol feminino no país está no próprio nome. Ninguém diz que está assistindo a uma partida de futebol masculino. O esporte já está tão imerso no mundo do homem que a figura da mulher é algo totalmente atípico.

Os meninos sempre estranharam uma menina como eu entrar num "time de próximo" (aquele que está de fora, esperando para entrar), quanto mais tomar um "rolinho" meu – aí já era muita humilhação. Foram poucos os que souberam lidar com isso. Pior eram os pais dos meninos, que davam bronca como se fosse o desgosto da família ser passado por uma garota.

Eu andava com os meninos da rua, bola de capotão embaixo do braço e "gol a gol" no portão da vizinha. Aprendi muito jogando nessa máfia masculina, fora o que eles me protegiam de qualquer cara novo que tentasse me sacanear. Não encontrava outras meninas que jogassem, clubes e escolinhas ainda não haviam se firmado, até que fui conhecendo uma menina que também jogava aqui e outra ali. Montamos um time imbatível no bairro, que garantia a diversão da semana.

O futebol sempre foi uma diversão

Maíra Prioli com o uniforme do Mackenzie/São Caetano: depoimento franco sobre as dificuldades do futebol feminino

para mim, e fui dando um jeito de encaixá-lo na vida. Quando entrei na faculdade, achei que não fosse mais ter tempo para a bola. Mas estava errada. Descobri que o esporte universitário é bastante forte e comecei a jogar pelo Mackenzie, ganhando uma bolsa-atleta. Jogos universitários, treinos até a 1 da manhã, baladas com o time, churrascos. Passei a entender o significado geral da amizade no jogo, a cumplicidade, a lealdade e o comprometimento que os homens têm e que deixa toda mulher maluca de raiva...

Ainda me divirto com a cara dos mocinhos na balada quando digo que jogo bola. Todos se espantam, e a partir daí temos as seguintes reações: tem os que me pedem em casamento, imaginando que finalmente arrumaram uma mulher que não implicaria com o soçaite às quartas; os que começam a testar meus conhecimentos, falando sobre jogadores antigos ou a diferença entre um 4-4-2 e um 3-5-2.

Mas, invariavelmente, todos terminam com as perguntas clássicas: "Vocês trocam de camisa após o jogo?" "Como fazem para matar a bola no peito?" "Vamos marcar um 'jogo contra'? Eu te marco individual..." E, para finalizar: "Vocês estão precisando de massagista?"

Então, estou aqui para esclarecer esses mitos: não trocamos de camisa após o jogo, não temos o menor prazer em pegar a camisa suada da outra. Matar a bola no peito é questão de jeito, como qualquer parte do corpo. Óbvio que, quando se toma uma bolada no peito, a coisa já é diferente. Claro que marcamos "jogos contra" com os caras, mas sempre com uma arbitragem para ficar de olho nessa marcação homem-a-mulher. E sim, temos um massagista e ele é bem feliz na profissão dele.

Nos últimos anos, a categoria "campo feminino" ganhou sua importância e os campeonatos universitários já não eram suficientes para nós. Assim, partimos para o profissional. É claro que éramos conhecidas como "o time universitário", e muitas vezes éramos chamadas de "timinho de playboy". Porém, a diferença mostrávamos em campo. Mas, mesmo com o espírito mackenzista de time raçudo, ficou claro que, para enfrentar um Paulistão, era necessário melhor estrutura, e a parceria com algum clube virou a solução.

Em 2005, jogamos como Mackenzie/Corinthians, e este ano estamos com uma forte parceria com o São Caetano. Treinamos três vezes por semana, à noite, e disputamos campeonatos como a Série A do Paulista e os Jogos Regionais, além dos Universitários. Eu jogo na lateral direita. Mas o Paulistão é a única competição de peso profissional. Foram integradas atletas novas, acostumadas com o clima competitivo, e acho que até estranharam a boa receptividade das atletas do Mackenzie.

A comissão técnica, que só tem homens, se esforça para manter o clima de "time de amigas", mas cobra resultados. Na verdade, esse é um ponto delicado, o modo como o técnico lida com as meninas tem uma influência grande na forma como elas jogam. Não se pode pegar muito pesado com palavrões, mas também não se pode passar a mão na cabeça só porque são garotas. É a linha do meu técnico: respeito e comprometimento, e isso motiva e une os diferentes perfis de meninas do grupo.

Como o salário no profissional ainda é muito baixo – em média, 500 reais –, o valor da bolsa compensa (por volta de 1000 reais) e ainda dá a oportunidade de ter um estudo superior de qualidade. Então, no elenco tem de tudo: meninas "ex-seleção", as que jogam somente por prazer, as que querem tentar as ligas internacionais, as mais baladeiras, as patricinhas, as certinhas... Mas o assunto mais falado no vestiário não muda, ainda é a TPM. Depois vêm contusões, falamos mal da arbitragem, contamos casos de figuras que passaram pelo time, das brigas e dos xingamentos no campo. Aliás, os xingamentos nos times femininos são hilários. Enquanto no masculino se fala muito da mãe e da irmã do outro, entre as garotas nada ofende mais que chamá-la de gorda.

Infelizmente, não avançamos à segunda fase do Campeonato Paulista. Ficamos em terceiro lugar em um grupo de cinco e fomos eliminadas. Agora o time está se preparando para os Jogos Regionais que acontecem em julho, porém desfalcado pela convocação de sete atletas e do técnico para o Campeonato Mundial Universitário, a Universíade, que será disputada em agosto na Tailândia. A seleção brasileira é a atual campeã da modalidade e é a única medalha de ouro que o Brasil tem no esporte universitário. Um prêmio que tem um gostinho muito especial, de conquista, de luta, por nos fazer acreditar que estaremos mais perto de não precisar ouvir mais uma vez que o futebol feminino tem que mudar... ■

IGUAL, MAS DIFERENTE...

O JOGO É O MESMO. SÓ QUE O MUNDO É OUTRO

No vestiário, os homens da comissão técnica esperam a gente se trocar e depois entram. E dá-lhe papo sobre TPM...

Olha eu aí preparando o pombo sem asa. Vai dizer que não tenho estilo?

Quem já não esquentou o banco uma vez na vida? Sou a terceira da esquerda para a direita. Meu técnico não costuma aliviar só porque somos garotas

Se precisar, as meninas chegam junto na dividida. E não me venham com essa de "time de playboyzinhas..."

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Craque e provocador: o 10 do River arrebentou o Timão na Libertadores de 2003

PRAZER, CABEZÓN

O Brasil descobriu Andrés D'Alessandro logo depois de ele completar 22 anos. Foi na Libertadores de 2003, quando "el diez" do River Plate estraçalhou o Corinthians

Em 1991, com apenas 10 anos de idade, Andrés D'Alessandro começou a jogar nas categorias de base do River Plate, em Buenos Aires. Exatos dez anos depois, já atuando como profissional pelos Millonarios, foi campeão mundial sub-20 com a seleção argentina. Era considerado a maior revelação do país vizinho quando "acabou com o Corinthians" nas oitavas de final da Libertadores de 2003 (duas vitórias por 2 a 1). PLACAR, é claro, destacou o jovem craque em suas páginas. Mas fez uma previsão que nunca se concretizou: a de que São Paulo e Palmeiras queriam contratá-lo. Naquele mesmo ano, transferiu-se para o Wolfsburg, da Alemanha, onde ficou por três temporadas. Jogou mais dois anos no Zaragoza, da Espanha, e passou (por empréstimo) pelo Portsmouth, da Inglaterra, e pelo San Lorenzo, da Argentina.

Até que, em 18 de julho de 2008, assinou um contrato de quatro anos com o Internacional – mas ficaria até o ano passado vestindo a camisa alvirrubra. No Beira-Rio, D'Ale ganhou tudo: uma Libertadores, uma Sul-Americana, uma (extinta) Copa Suruga, uma Recopa e sete Gauchões. Virou um dos maiores ídolos colorados, principalmente por sua garra (e seus muitos gols) nos Gre-Nais. No meio dessa trajetória, o Cabezón jogou pelo River em 2016, mas retornou ao time de Porto Alegre para disputar a Série B do Brasileirão, no ano seguinte – o que só fez aumentar a adoração da torcida. Em 2021, quando se transferiu para o Nacional, de Montevidéu, boa parte da imprensa celebrou sua "despedida" tratando-o como o "maior jogador estrangeiro em atividade no Brasil neste século". Acontece que ele voltou novamente ao Inter para encerrar, de vez, a carreira. Seu último jogo foi pelo Brasileirão do ano passado: vitória por 2 a 1 sobre o Fortaleza, com direito a seu último gol como atleta profissional.

Em seus doze anos no Inter, fez 529 jogos, com 97 gols (53 deles no Beira-Rio), 113 assistências e doze títulos oficiais. Curiosamente, seu ídolo de infância era um meia uruguaio, canhoto como ele: Rubén Paz. Sim, ele mesmo, outro ídolo inconteste da torcida colorada (atuou pelo clube de 1982 a 1986). Hoje, D'Alessandro trabalha como coordenador de futebol do Cruzeiro. Bem antes disso, foi assim que PLACAR o apresentou ao público brasileiro.

O FENÔMENO ARGENTINO

SUA MARCA REGISTRADA É "LA BOBA", A PARADINHA NA BOLA QUE LEVA OS MARCADORES À LOUCURA

Os corintianos têm pesadelos com ele até hoje. Palmeirenses e são-paulinos passaram a amá-lo. D'Alessandro, o camisa 10 do River Plate, é a grande revelação argentina nos últimos anos. Um craque que nós, brasileiros, ficamos conhecendo nas duas derrotas do Timão para o River pela Taça Libertadores. Craque e provocador – 100% argentino, portanto –, "El Cabezón", como é conhecido, arrebentou nos dois confrontos e ainda conseguiu expulsar o lateral Kléber na primeira partida e Roger na segunda.

O craque foi descoberto aos 10 anos de idade por Gabriel Rodríguez, caçador de talentos do River Plate, quando treinava em um clube de bairro de Buenos Aires chamado "Estrellas de Maldonado". "Parabéns, seu filho é um fenômeno", disse o olheiro ao pai do garoto. Sua marca registrada é "la boba", a pisadinha na bola que leva os marcadores à loucura. D'Alessandro sabe como poucos ditar o ritmo do jogo – pausa e velocidade. "Sempre valorizo o que me ensinou meu treinador Jorge Gordillo. Ele me fez ver que devia trabalhar mais a parte física se quisesse vencer. Eu era muito fraquinho e não podia usar o corpo para segurar a bola. Graças a ele, melhorei nesse aspecto e pude dar o grande salto na carreira", diz o "pibe".

Viciado em videogame e inseparável da família, "Topo", como chamam seus amigos, despontou nos profissionais fazendo dupla com Ortega. Hoje, o parceiro é Fernando Cavenaghi. Sua pontaria cirúrgica parece ter uma explicação. "Calço 39 e isso me dá maior precisão."

Provocador por natureza, em sua ficha D'Alessandro acumula vários amarelos por discutir com os árbitros. "Pellegrini (técnico do River) conversou muito comigo e aos poucos estou me acalmando", diz. Os números lhe dão razão. No último semestre, recebeu menos cartões que no mesmo período do ano passado.

Parma, Mônaco, Juventus, Liverpool e West Ham o disputam. No West Ham, ele chegou a treinar por seis dias, mas não ficou por um desacordo financeiro. "Não posso entender como uma equipe inglesa se priva de comprar um novo Maradona por 5 milhões de dólares", se revoltou o técnico britânico Harry Redknapp. Pouco depois, o garoto faria coincidir "água e azeite": "D'Alessandro é o melhor jogador da Argentina", diriam em coro Pelé e Maradona. ■

RAIO-X DO ÍDOLO/VILÃO

Nome: Andrés Nicolás D'Alessandro

Data e local de nascimento: 5 de abril de 1981, em Buenos Aires

Altura: 1,75 m

Peso: 68 kg

Apelidos: Topo, Cabeção e Mandrake

Títulos: Clausura 2000 e 2002, com o River Plate. Campeão mundial sub-20 com a seleção argentina em 2001

Prato preferido: Capeletti com manteiga

Gêneros musicais: Cumbia e cuarteto

Hobby: videogame

Filme preferido: Gladiador

Ídolo: Rubén Paz (ex-craque uruguaio que jogou no Internacional)

EDISON VARA

Uma vida no Brasil: ídolo do Inter, ficou doze anos em Porto Alegre e hoje é cartola do Cruzeiro

OS HOOLIGANS "RAIZ"

Corria a Copa de 1998 quando nosso fotógrafo se viu cercado de policiais franceses e de um grupo de torcedores ingleses famosos pelas cenas de violência dentro e fora dos estádios

Fotos: Alexandre Battibugli

A edição de julho de 1998 de PLACAR foi inteiramente dedicada à Copa do Mundo recém-finalizada na França – sim, aquela da convulsão do Ronaldinho antes da derrota para os donos da casa na final (só depois ele viraria Ronaldo, o Fenômeno). Durante o torneio, nossa equipe acompanhou a seleção brasileira e também os outros jogos. Numa dessas coberturas, o fotógrafo Alexandre Battibugli deslocou-se até Marselha para um jogo da Inglaterra, ainda na primeira fase. No trem, ele percebeu que estava "bem" acompanhado de um grupo de torcedores "raiz". Sim, eles, os famosos hooligans ingleses. Passados 25 anos, Batti segue fotografando para a revista e conta que nunca viveu outra situação tão tensa quanto aquela. Nem mesmo quando reencontrou hooligans na Euro-2000, na Bélgica e na Holanda. De lá para cá, diz ele, o futebol se elitizou muito e, ao mesmo tempo, as punições (dentro e fora dos gramados) também ajudam a manter os torcedores violentos "na linha". A seguir, você lê o depoimento original, publicado em 1998.

A batalha campal em Marselha: "Nunca vivi outra situação tão tensa quanto aquela", lembra o fotógrafo

QUEBRA-QUEBRA

O REPÓRTER FOTOGRÁFICO ALEXANDRE BATTIBUGLI FICOU NO MEIO DO CONFRONTO ENTRE HOOLIGANS E POLICIAIS FRANCESES. E TEVE QUE CORRER PARA NÃO SER AGREDIDO

Eu já tinha visto muitos torcedores violentos na minha carreira de repórter fotográfico, mas encarar os hooligans ingleses foi impressionante. Cheguei em Marselha ao meio-dia de 15 de junho para cobrir o jogo Inglaterra x Tunísia, pelo Grupo G da Copa do Mundo.

Na véspera, alguns ingleses tinham resolvido enfrentar os torcedores tunisianos. Assim, quando desembarquei na estação de trem, percebi que havia policiais por todos os lados. Os hooligans não se intimidaram. Garrafas voavam na direção dos guardas, que respondiam com bombas de gás lacrimogênio. Os policiais estavam com todo tipo de arma, proteção, cachorro, escudo...

Nada disso amedrontava os caras. A maioria daqueles ingleses pareciam tanques desgovernados. Mesmo de longe, dava para perceber que muitos estavam bêbados.

Peguei a minha câmera e fui fotografando tudo. Quando capturaram um dos hooligans, os policiais franceses quase o massacraram, batendo de cassetete sem dó. E foi assim, na base de violência contra violência, que os franceses conseguiram dominar a situação.

Não sei se essa é a melhor maneira de lidar com o problema. Mas fiquei imaginando o que passa da cabeça de um policial quando aqueles malucos aparecem correndo na sua frente.

Logo depois, vivi esse drama na pele. Um grupo de torcedores se aproximou de mim e um deles perguntou:

Press? - queriam saber se eu era jornalista.

Yes! - respondi, certo de que iria livrar a minha cara.

Foi aí que eles partiram para cima de mim. Os hooligans odeiam jornalistas. Pra me livrar, saí correndo. Enquanto a pancadaria rolava do lado de fora, o sistema de som do Estádio Vélodrome tocava bem alto "All you need is love", dos Beatles. ■

UM NOVO CLÁSSICO AZUL E GRENÁ

O sucesso retumbante da série "Ted Lasso" já transformou o uniforme do AFC Richmond em uma espécie de item *cult* nas peladas pelo país

Maria Fernanda Lemos

DIVULGAÇÃO NIKE

Futebol é vida: o estrelado elenco do AFC Richmond

Uma camisa vermelha e azul com detalhes amarelos vem colorindo as quadras e campos de futebol amador do país. Ela até lembra um pouco a do Barcelona, mas, na verdade, é de uma equipe inglesa – ou melhor, de um time fictício, o AFC Richmond, da série de comédia americana "Ted Lasso". A produção lançada em 2020 pela Apple TV+ se tornou uma verdadeira febre em todo o mundo e em 2023 chegou à sua terceira e última temporada. Parte da coleção de uniformes já pode ser encontrada na vida real.

Para quem ainda não assistiu, sem maiores spoilers: a história acompanha a ascensão do AFC Richmond da segunda divisão do Campeonato Inglês à Premier League, a partir da chegada do irreverente técnico Ted Lasso. O segredo do sucesso reside no fato de o personagem, interpretado por Jason Sudeikis, ter sido contratado pela dona do clube, Rebecca Welton, mesmo sem saber nada sobre o "soccer" – vindo dos Estados Unidos, ele é originalmente um técnico de futebol americano.

DIVULGAÇÃO

Rival de peso: Ted Lasso (Jason Sudeikis) ganhou dicas de Pep Guardiola em cena da última temporada

A história por trás do roteiro já é uma baita jogada por si só. Em 2012, o canal americano NBC Sports comprou os direitos de transmissão da Premier League. Em meio a um fracasso de audiência, a emissora convocou Sudeikis para estrelar comerciais visando difundir a cultura do football britânico entre os americanos. Nos anúncios, Lasso interpretava um técnico de futebol americano contratado por engano para treinar o Tottenham Hotspurs. Anos mais tarde, a maluquice ganhou uma série própria, recheada de mensagens otimistas.

Para os amantes mais atentos do esporte bretão, é possível notar semelhanças entre personagens e jogadores reais. O egocêntrico e talentoso Jamie Tarrt, por exemplo, é uma alegoria do atacante Jack Grealish, o craque beberrão do Manchester City, enquanto o mal-humorado Roy Kent lembra um velho ídolo do United, o xerifão irlandês Roy Keane. Em um dos episódios, Ted Lasso leva os jogadores para celebrar em um karaokê, exatamente como fez o alemão Jürgen Klopp com seus comandados de Liverpool certa vez.

O próprio Richmond se assemelha a um clube real, o Crystal Palace. Ambas as equipes são do sul de Londres e se vestem de azul e vermelho, e algumas cenas da série foram gravadas no CT do clube, em Sellhurst Park. O Palace, no entanto, existe na série e é retratado como um dos rivais dos greyhounds (nome da raça de cachorros presente no escudo). A Apple TV+ fechou acordo milionário para utilizar imagens e citar clubes da Premier. O êxito foi tanto que até uma das maiores estrelas da liga topou fazer uma ponta: na temporada final, Sudeikis grava uma cena ao lado de Pep Guardiola, a mente por trás do sucesso do City.

Foi na esteira desse mercado aquecido que a fornecedora Nike anunciou recentemente a comercialização de uniformes do Richmond, disponíveis em pontos físicos e online de alguns países. O modelo é predominantemente vermelho do lado esquerdo e azul do lado direito. Como na série, o patrocinador é a marca fictícia de aplicativo de relacionamento Bantr.

No site internacional da Nike, a peça custa 105 dólares (mais de 500 reais na cotação atual). O kit conta ainda com moletons e cachecóis. Por ora, não há expectativa para vendas diretamente em lojas físicas ou no portal online da Nike no Brasil. Isso, porém, não impediu que os fãs mais assíduos importassem o produto, seja o modelo original ou versões "alternativas". O importante é se sentir um comandado de Ted Lasso. Afinal, football is life. ■

O PRÍNCIPE DOS SPORTS TERRESTRES

Em livro, a trajetória vitoriosa de um dos primeiros ídolos do futebol carioca, o atacante Russinho, do Vasco da Gama

Os trechos a seguir foram editados por PLACAR a partir de dois capítulos do livro Russinho: O Inigualável Êxtase do Gol, *de Bruno Pagano Monteiro, lançado pela Editora Livros de Futebol. Moacir Siqueira de Queirós (1902-1992), o Russinho, foi artilheiro cruzmaltino nos anos 1920 e 1930.*

1924: A CHEGADA À COLINA HISTÓRICA

Em 1924, Russinho chegou ao Vasco – depois de altos e baixos no Andarahy – e, logo na estreia, enfrentou seu ex-clube, num amistoso. A estreia aconteceu no antigo estádio do Andarahy, onde o Vasco também se sagrou campeão e mandaria vários de seus jogos, até a construção de São Januário. Foi nesse campo que Russinho nasceu para o futebol e para o Vasco, em épocas distintas. Para não deixar dúvidas quanto a seu comprometimento, Russinho abriu o placar logo no início do jogo. Mas a nau vascaína foi derrotada pelo Alviverde naquele 27 de abril, por 3 a 2. O primeiro gol de Russinho pelo Vasco, aproveitando cobrança de escanteio, foi assim descrito pelo jornal *O Paiz*, de 29 de abril: "Paschoal, célere, escapou-se pela extrema e fechando rapidamente sobre o goal, desferiu violento tiro, que foi magistralmente defendido por Cabral. De novo investiram os vascaínos, obrigando Americano a conceder um corner. Batido este, originou-se uma scrimage [escaramuça], da qual se aproveitou Moacyr [Russinho] para fazer, às 16 horas e 48 minutos o 1º goal do Vasco".

Nessa que seria a primeira de suas onze temporadas com a camisa vascaína, os números de Russinho já projetavam, na imaginação do torcedor, como seria sua trajetória no clube: foram 25 gols em apenas 22 jogos, culminando com o reconhecido título carioca da LMDT, a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, o primeiro título invicto do Vasco – e de Russinho. Com 12 gols, foi vice-artilheiro do Campeonato Carioca, atrás apenas de Telê, seu ex-companheiro do Andarahy. Ele foi eleito, também, nessa e nas seis temporadas seguintes, o melhor jogador do Vasco no ano.

Como mostra a foto da pág. 62, clicada pelo lendário fotógrafo alagoano Augusto Malta (1864-1957), o principal responsável pelo registro iconográfico da urbanização do Rio de Janeiro, no início do século XX – e lembrada também na dissertação de mestrado do historiador João Paulo Maciel de Azevedo, em "O Andarahy Athletico Club: amadorismo e profissionalismo no futebol carioca (1915–1940)" —, era uma área sobre a qual, na época, Mario Filho já levantava dúvidas quanto à localização exata: se Andaraí, se Vila Isabel, debate que ainda hoje divide opiniões nas ruas da região.

Exatamente nesse mesmo lugar, foi construído o campo do América F.C., nos anos posteriores, área depois vendida para ser construído o Shopping Iguatemi, hoje chamado Shopping Boulevard Rio, na confluência da rua Teodoro da Silva com a Barão de São Francisco (que também já foi Barão de São Francisco Filho) e, nos primórdios do futebol do Andarahy, na rua Prefeito Serzedelo Correia. Ali, por anos, foi a casa do Vasco. Sobretudo, depois de mais episódios de racismo, dessa vez contra Nelson da Conceição, o

DIVULGAÇÃO

A final de 1929, contra o América: um 5 a 0 para deixar em crise a equipe de Campos Sales

O craque goleador com pinta de galã de cinema: onze temporadas com a camisa cruzmaltina

primeiro goleiro negro do Vasco, da seleção carioca e da seleção brasileira. Sobre ele, sugerimos a leitura de "As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)", monografia apresentada em 2013 por Walmer Peres Santana junto ao Instituto de História da UFRJ, como requisito para a obtenção do título de bacharel em História. Nos campos de Fluminense e Flamengo, o goleiro sofria inúmeros insultos racistas e até pedras atiradas pela torcida atrás do gol que defendia, que incomodavam não só a ele, mas também ao Vasco. É lamentável que, quase um século depois, atitudes semelhantes continuem a se verificar em muitos estádios brasileiros.

Por isso, ainda sem ter um campo próprio, a partir de 1924, a diretoria optou por levar seus jogos com mais frequência para o campo do Andarahy, onde, atrás do gol, só estava a torcida cruzmaltina. O campo serviu ao Vasco até a inauguração de São Januário, em 1927. Sobre isso, Mario Filho escreveu em *O negro no futebol brasileiro*: "O Vasco mudou de campo outra vez, foi parar em Barão de São Francisco Filho. No Andaraí, Nelson da Conceição parou de se queixar. Estava mais ou menos em casa. (...) Assim, em dia de jogo, quem mandava no campo do Andaraí era o português. Somente torcedor de escudo da Cruz de Malta no peito é que podia ir pra trás do gol de Nelson da Conceição".

Mesmo que fosse a temporada de estreia, Russinho se mostrava suficientemente adaptado para alcançar, em 1924, a ótima marca de mais de um gol por jogo. O atacante vascaíno passou em branco em alguns *matches*, mas foi decisivo em outros, para construir sua bela média. Dos 25 gols que marcou no ano, os 12 válidos pelo Carioca o tornaram o artilheiro vascaíno da competição. Ficaram gravadas, na histórica campanha, partidas como as que o

DIVULGAÇÃO

Vasco aplicou 6 a 2 sobre o vice-campeão Andarahy, no encontro do returno, com dois gols do Perigo Amarello. Nesse jogo, aliás, houve uma situação que se repetiu algumas vezes e que merece atenção especial. O Vasco, além de Russinho, contava ainda com o meia Felizardo Gonçalves, cujo apelido também era Russo. Felizardo foi reserva dos Camisas Negras em 1923 e, consequentemente, também campeão carioca, permanecendo no Vasco por muitos anos.

Nessa partida, Felizardo também marcou dois gols e, por isso, algumas fontes apontam quatro gols de Russinho nesse confronto – ou, ainda, um total de 14 gols no Campeonato para o nosso biografado. Refém da mesma confusão com os nomes, outras fontes também consideram Russinho como campeão carioca de 1923, mesmo só tendo chegado ao Vasco em 1924. Por isso, é importante esclarecer que ambas as afirmações anteriormente citadas estão erradas. E, também, atentar para os dois "Russo" que jogaram no Vasco, na década de 1920, é um exercício fundamental para a investigação de suas trajetórias individuais.

Excluindo os 12 gols do Carioca, foram os amistosos de fim de temporada que equilibraram o ano esportivo de Russinho. Na primeira partida contra a seleção carioca da LMDT, a 9 de novembro, ele marcou duas vezes. No dia 21 de dezembro, contra um combinado carioca que contava com bons jogadores – como o artilheiro Telê, que já havia sido adversário do cruzmaltino na partida do mês anterior –, o Vasco saiu vitorioso por 6 a 4, com quatro gols de Russinho. Essa foi a penúltima partida da temporada. A última, uma semana depois, marcava o segundo jogo do ano entre o Vasco e a seleção carioca da LMDT, agora um pouco modificada. O jogo acabou em 7 a 1 para o Cruzmaltino, com três gols de Russinho.

* * *

AUGUSTO MALTA

O escrete campeão de 1929 (acima), com 15 vitórias, sete empates e apenas uma derrota: naquele tempo, o palco era o Andaraí (ou seria a Vila Isabel?), região clicada pelo pioneiro fotógrafo Augusto Malta

1929: HERÓI DO TÍTULO

Eleito pelo jornal *O Rio Sportivo* como "o príncipe dos sports terrestres", Russinho vivia o auge de sua carreira, período que perdurou sobretudo até 1931 e lhe trouxe não apenas a evolução técnica, como também uma popularidade experimentada por poucos jogadores, até aquele momento, no futebol brasileiro. Na abertura do Campeonato Carioca, nosso artilheiro, franzino e loiro, já encaçapava cinco gols no Bangu, um breve indicativo do que aprontaria ao longo da temporada. No fim do certame, Russinho ajudaria o Vasco a ser campeão, após cinco anos sem o título máximo do Rio de Janeiro, encerrando o jejum que perdurava desde 1924.

Pelo Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, a seleção do Distrito Federal foi vice, mais uma vez perdendo para a de São Paulo, depois de haver conquistado um bicampeonato em 1927-28. Russinho foi o destaque dos cariocas, com 12 gols que lhe garantiram a artilharia da competição. Com 23 gols, ele conquistou também a artilharia do Campeonato Carioca, sendo o primeiro atleta vascaíno a alcançar tal feito na divisão principal. Desde Bolão, em 1922, com a artilharia da segunda divisão da LMDT, o clube não emplacava um artilheiro no time principal.

E, como se isso tudo já não bastasse, Russinho ainda reservaria três gols especiais para a final, disputada em uma "melhor de três", que começou com dois empates contra o América: 0 a 0 e 1 a 1, este último com gol de Russinho. Restando apenas o último jogo, o destino reservaria um dia memorável que cairia nas graças do povo do Rio de Janeiro. Com uma bela matéria de duas páginas, o jornal *O Malho*, de 30 de novembro, destacava o homem do jogo: "Ao centro, embaixo, está Russinho que, com raro brilho, actuou no encontro, conquistando três dos goals que ergueram ao mais alto grão as côres do seu Club, dando-lhe assim o titulo tão ambicionado de Campeão de 1929. O que foi a actuação do center-forward vascaíno está no conhecimento de todos".

Na finalíssima, a última das três partidas, Russinho teve uma de suas melhores atuações na carreira e anotou três dos cinco gols vascaínos, liquidando a fatura. Mais ídolo do que nunca, o artilheiro cruzmaltino terminaria aquela temporada com incríveis 31 gols em 31 jogos pelo Vasco. Em seu polêmico e histórico *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol*, Floriano Peixoto Corrêa registrou:

— A linha vascaína movia-se com uma velocidade espantosa.

Russinho repetiu três gols por jogo, naquele ano, em outras três ocasiões: contra Corinthians-SP, Elvira-SP e Brasil-RJ. Com a goleada do Gigante sobre o América, mais uma vez a carreata cruzmaltina saiu em festa pelas ruas do Rio de Janeiro. O Vasco era Campeão de Terra e Mar. Durante 15 dias, os jornais se esqueceram um pouco do crack da Bolsa de Nova York, que implicou a queda dos preços do café brasileiro – então nosso maior produto de exportação –, e passaram a falar na decisão.

No primeiro jogo, 0 a 0; no segundo, 1 a 1. Mas no terceiro, também realizado nas Laranjeiras, o Vasco goleou por 5 a 0, provocando uma crise sem precedentes em Campos Sales. (...) Ainda sobre a repercussão da final, o jornal *O Paiz* publicou, a 26 de novembro, uma interessante nota sobre o jogo: "A justa alegria dos vascaínos após o final do match, externou-se por todos os modos e nas ruas, aos vivas, os automoveis passavam repletos de manifestantes. O centro da cidade, o Largo da Lapa e a Praça da Bandeira pareciam em festa. O contentamento pela victoria dos vascaínos emprestou assim um aspecto brilhante á cidade como ha muito tempo não se via. Nos bars e cabarés os vascaínos alegremente commemoravam o grande feito sobre a forte esquadra do America. Nas ruas até alta madrugada ouviam-se os gritos. Viva o Vasco! Vasco!"

Jaguaré; Brilhante e Itália; Tinoco, Fausto e Mola; Paschoal, Oitenta e Quatro, Russinho, Mario Mattos e Sant'Anna: grudada como chiclete na memória de seus contemporâneos, a escalação do Vasco de 1929 andava tão fácil na boca do povo, que foi passando, de geração em geração, a poesia que cantava o time campeão carioca daquele ano.

Em uma dessas muitas lendas urbanas vascaínas, dizem os mais antigos que cartazes com a seguinte poesia eram facilmente encontrados nos botequins da cidade, depois da final de 1929:

JAGUARÉ fez uma BRILHANTE defesa na ITÁLIA. TINOCO foi visitar FAUSTO numa cadeira de MOLLA, PASCHOAL comeu OITENTA E QUATRO empadas com RUSSINHO e MARIO MATTOS no campo de SANTANA. No livro *Vasco: o clube do povo – uma polêmica com o flamenguismo*, Leandro Tavares Fontes reproduz uma entrevista com João Ernesto da Costa Ferreira, ex-VP de Relações Especializadas do Vasco e grande admirador de Russinho, que declarou, sobre o famoso time de 1929 e a tradição oral vascaína: "Esse é o time dos meus sonhos. Se pudesse voltar no tempo, um dos momentos que escolheria era o de ver Russinho jogar... 'Russinho e seus Blue Caps' da época. O Campeonato de 1929 era cantado, em prosa e verso, pelo meu avô. E eu, desde pequeno, acho que, antes mesmo de saber meu nome completo, já sabia recitar o time de 1929. E o Russinho era o grande ídolo daquele timaço". Ao final da temporada, todos os jogadores campeões cariocas tiveram suas matrículas atualizadas para a categoria de Sócio Campeão. Russinho guardou, com especial carinho, a sua carteira de campeão de 1929. ■

Russinho: O Inigualável Êxtase do Gol, de Bruno Pagano Monteiro; Editora Livros de Futebol, 284 páginas, 75 reais (60 reais mais o frete); vendas diretamente com o autor pelo telefone (021) 97107-3442

O ADEUS AO JOGADOR DE TRÊS CORAÇÕES

Palhinha brilhou no Cruzeiro, no Corinthians e no Atlético-MG nos anos 1970 e 1980 – tinha faro de gol e um sorriso inigualável

AUREMAR DE CASTRO

AUREMAR DE CASTRO

São raros os jogadores capazes de fazer história e virarem ídolos de mais de um time de futebol. O atacante Vanderlei Eustáquio de Oliveira, o Palhinha, fez fama e glória em três clubes – o Cruzeiro, o Corinthians e o Atlético-MG. Pela Raposa, foi artilheiro e campeão da Libertadores de 1976. Pelo Timão, foi uma das estrelas do título paulista de 1977, após 23 anos de fila – depois, ao lado de Sócrates, faria uma dupla carismática. Pelo Galo, chegou ao vice-campeonato brasileiro de 1980. Palhinha atuou ainda no Santos, Vasco e América-MG antes de se tornar treinador. PLACAR acompanhou a trajetória do craque com entusiasmo, como registro de capítulo vitorioso, afeito a ganhar carinho por onde andasse, com seu sorriso aberto, a fala mansa e o oportunismo dentro da área, além da simplicidade de quem sabia ser coadjuvante de primeira linha, mas nem sempre a estrela mais luminosa.

O Cruzeiro chorou a morte a seu modo, nas redes sociais do clube, ao lembrar os 13 gols em dez jogos na Libertadores: "Uma das várias marcas expressivas que o consagraram como sétimo maior goleador da história celeste, com 156 gols em 457 jogos. Dos campos de terra do Barreiro aos grandes estádios, o atacante estreou no Cruzeiro em 1968, foi convocado para a seleção brasileira em 1973 e também fez história em outros clubes do futebol brasileiro com sua inteligência e velocidade".

O Corinthians lembrou aquela noite de 5 de outubro de 1977: "Autor do gol na primeira final do histórico título Paulista de 1977, e tendo vestido o manto em 148 jogos, o craque do Time do Povo também foi treinador da equipe em 1989". E o Atlético? "Palhinha foi um dos grandes atletas do futebol brasileiro. No Galo, foi um dos craques daquele histórico time do início da década de 80, conquistando o Campeonato Mineiro em 1980 e 1981, além de ter chegado à final do Brasileiro de 80".

Emocionado, Casagrande prestou homenagem bonita em sua coluna no UOL, a do menino que via o adulto. "Choro pela dor, mas também por amor que sinto quando um grande ídolo faz a sua viagem muito cedo. Por pouco a dupla Sócrates & Palhinha não se transformou em um trio, com o acréscimo da minha presença. Seria um trio marcante. Seria mágico estar ao lado de Sócrates e Palhinha. Tenho que agradecer tudo o que o Palhinha fez pelo Corinthians. Agradecer pela simpatia, gentileza e atenção que teve comigo, quando eu ainda tinha 15 anos e treinei pela primeira vez entre os profissionais do Timão". Palhinha morreu em 17 de julho, aos 73 anos, em Belo Horizonte, em decorrência de infecção generalizada. ■

"O futebol é muito desgastante. É uma minoria que faz sucesso, por isso não recomendei para o meu filho ser jogador profissional."

PALHINHA
(1950-2023)

MANOEL MOTTA

O craque mineiro com as três camisas pelas quais jogou (acima, em 1978, ao lado de Sócrates): ídolo unânime

MÁRVIO DOS ANJOS

SE ANCELOTTI PODE VIR, POR QUE NÃO COLLINA?

> **"Vejo nos torcedores de todas as arquibancadas do país uma inclinação para guardar os nomes de árbitros."**

Minha vida pregressa como torcedor me deu apenas uma contribuição, na forma de um princípio, que guiou toda a minha carreira como jornalista esportivo: time bom ganha até de juiz. Isso significa que uma equipe de futebol entra em campo contra 11 adversários, mas também contra as decisões boas e ruins que um árbitro possa aplicar.

Trata-se de um pensamento absolutamente redentor que me ocorreu na Libertadores de 1991, quando o primeiro Flamengo de Vanderlei Luxemburgo foi vorazmente garfado na Bombonera num pênalti inexistente, uma bola que teria tocado na mão do zagueiro Adilson. A TV argentina nunca gerou um replay do lance diferente do da câmera principal. Convertido pelo lendário Gabriel Batistuta, o penal abriu caminho para um 3 a 0 com dois gols de Diego Latorre, diante de um Flamengo que parecia jogar a 12 mil metros de altitude, de tão asfixiado que estava em suas ideias de jogo.

Falou-se muito daquele pênalti, mas não havia essa enormidade de câmeras e ângulos à disposição. Isso permitiu que algo do desempenho do time pudesse ser criticado, sua falta de resposta ao golpe inesperado, e no fim a conclusão é que o time, que dependia apenas do empate, fez muito pouco pelo resultado. O epílogo disso é que não faço ideia do nome do árbitro.

RICARDO CORRÊA

O experiente italiano: a Comissão de Arbitragem da CBF podia ser dirigida por ele

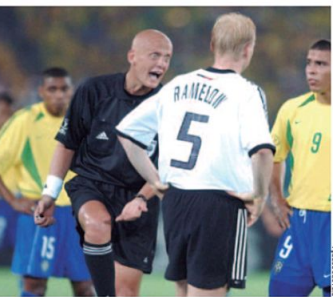
Hoje, porém, vejo nos torcedores de todas as arquibancadas do país uma inclinação para guardar nomes e rostos de árbitros. Isso era um privilégio que antes só concedíamos aos muito folclóricos – como Jorge Emiliano, o Margarida, primeiríssimo personagem abertamente gay do nosso futebol –, aos poucos que eram muito frequentes nos grandes palcos e decisões (como Arnaldo Cezar Coelho e Wright) e aos evidentemente carecas, como Pierluigi Collina e Héber Roberto Lopes. Os outros eram nomes absolutamente circunstanciais, acidentes esquecíveis de percurso, gente que jamais reconheceríamos num ponto de ônibus.

Só que isso é um sintoma. Quanto mais falamos de arbitragem, mais indicamos nosso desinteresse completo pelo jogo de 90 minutos – o que talvez signifique que o futebol também decaiu. Quando as torcidas dos clubes mais bem-sucedidos do passado recente abraçam tanto um discurso antiarbitragem, é sinal de que o futebol desses clubes não é tão hegemônico.

Ainda assim, não é possível que 100 minutos de cada partida de futebol sejam reduzidos, rodada após rodada, a debates sobre o VAR. Por mais que a tecnologia tenha seus erros, ela é apenas uma ferramenta e quem a opera pode errar. O jornalismo se trai quando nega essa informação ao torcedor e simplesmente replica o grito que ele, da poltrona, quer que seja amplificado. Pior ainda: ele se torna uma chatíssima caixa de ressonância da frustração, como se, um dia, o mundo real fosse capaz de produzir jogos sem erros humanos.

Mas compreende-se: há tantos minutos de cabo e streaming tendo que ser preenchidos que é preciso abrir as gavetas das frases feitas, dos bordões e daquilo que sai sem que se pense muito. É preciso inventar bandeiras novas, já que parece difícil demais admirar o jogo apresentado. E aqui vai minha humilde sugestão.

Por que não lutar por arbitragens estrangeiras, ou coordenadas por estrangeiros? Se somos tão afeitos a experiências como a de esperar por Carlo Ancelotti, proponho que a Comissão de Arbitragem da CBF também seja presidida por um estrangeiro experiente, como um Pierluigi Collina, um Massimo Busacca, um Howard Webb. Talvez seja a hora de brigar pela importação desses gestores de grife internacional com tanto ou mais afinco do que na discussão sobre quem sucederá Tite.

Nem que seja para mudar o assunto que nunca muda. ■

Márvio dos Anjos é jornalista carioca radicado em São Paulo, 44 anos, foi repórter da *Folha de S.Paulo*, editor de Esportes do jornal *O Globo* e atualmente colabora com a revista *FourFourTwo* e o jornal *The Times*, ambos do Reino Unido. É head de Comunicação da fábrica de startups Sportheca e hoje realiza o sonho de escrever para PLACAR.

SAVE THE DATE

S.T.O.R.E

EM BREVE 2023

PARQUE D. PEDRO SHOPPING - CAMPINAS

BY GRUPO DREAM

LOJASDREAM.COM